



Em Destaque

Inovação e Tradição



ADRACES
Beira
Interior Sul

P 12 Um fim-de-semana na Beira Interior Sul

P 6 e 7 PRBIS-Loja da ADRACES

P 15 Semanas Animadas na Loja do Mundo Rural

P 17 III CNA do LEADER+

Inovação e Tradição

A complementaridade é uma constante

Inovação e tradição como duas faces da mesma moeda. Na lógica do Programa LEADER, a complementaridade entre ambos é uma constante, qualquer que seja a zona de intervenção em que nos encontramos. Inovação e tradição são os elementos que permitem a criação de dinâmicas económicas sustentáveis, mas também um tecido social aberto à mudança.

Como se defende no texto do IDRHa assinado por Rui Batista e Maria do Rosário Serafim “trata-se de valorizar a nossa cultura e o nosso património, incitando ao progresso e estimulando a invenção, a renovação e a modernização na convicção que, sem inovação, não há progresso e sem memória e identidade, não há desenvolvimento”.

Partindo da premissa de que “a renovação associada à tradição é, no artesanato, sinónimo de reforço do seu futuro”, o CEARTE tem vindo a concentrar esforços na qualificação dos artesãos em diferentes áreas que permitam tornar a sua actividade sustentável. O *design* ao serviço destas pequenas unidades produtivas constitui assim uma mais-valia enorme.

A MARCA-ADL defende uma perspectiva de desenvolvimento sustentável e inovador que integre as dimensões económicas, sociais e ambientais, acompanhando as práticas dos agentes de uma reflexão e investigação permanentes. A maravilhosa história da Chica Amorica confirma-nos o lento e progressivo caminho que se faz sempre com aqueles que vivem no território. A Chica Amorica é uma oficina de brinquedos populares que trabalha com matérias-primas existentes no meio natural. Esta iniciativa económica foi criada após um trabalho de investigação em torno de uma colecção etnográfica local, e de um trabalho

complementar de formação e qualificação de artesãs das freguesias de Lavre e Ciborro. O que se constrói e aqui ganha vida são carroças e pequenos tractores, bonecas e gaiolas de grilo, por exemplo.

Outra iniciativa que ilustra a combinação do par tradição/inovação são os “ateliers” de tecelagem e costura criados pela associação ADRACES e a loja situada em Castelo Branco que comercializa a produção destes “ateliers” num esforço para garantir 13 postos de trabalho de artesãs. Neste espaço poderá encomendar um elegante vestido de linho ou algodão ou um sóbrio “tailleur” com os bordados de seda típicos da região, com os nomes evocadores de “Palma” ou “Árvore da Vida”.

É também desta sábia combinação que surgem iniciativas como o “Cardum”; projecto de cooperação transnacional que reúne GAL portuguesas e espanholas em torno da valorização e promoção dos queijos elaborados com coagulante vegetal, investindo nas vertentes científica, técnico-produtiva e promocional desta actividade ou a criação do Museu do Queijo de Azeitão. Na rubrica *Territórios* apresentamos a zona de intervenção da ADRACES; uma muito bela região de transição entre planície e montanha, que se estende por quatro concelhos – Castelo Branco, Idanha-a-nova, Penamacor e Vila Velha de Ródão. Mas apesar da beleza e variedade dos seus recursos naturais e do seu património histórico que apresenta vestígios pré-históricos, romanos, visigóticos ou medievais, esta região sofre com a sua interioridade. A ADRACES esforça-se assim por minimizar os efeitos desta interioridade através do desenvolvimento de uma estratégia integrada “assente em duas componentes complementares e interligadas entre si: a promoção e valorização e valorização das produções locais de excelência e a preservação, valorização e melhoria do ambiente, património e qualidade de vida do território”.

Neste número do *Pessoas e Lugares* fica ainda o convite para uma viagem rumo à Beira Interior numa proposta de fim-de-semana onde poderá desfrutar dos charmes da moderna Castelo Branco, revigorar-se nas Termas de Monfortinho, passear pela lindíssima aldeia de Monsanto, ou debruçar-se sobre o Tejo com o olhar ali “a espriar-se por um horizonte sem fim, sobre a língua espelhada e sinuosa” do rio. Pelo caminho, poderá visitar o Centro Rural de Artes e Ofícios Tradicionais, instalado na Quinta dos Trevos e admirar o trabalho que os dois mentores deste projecto - Celsa e João - vêm desenvolvendo.

Cristina Cavaco



NOTA DA REDACÇÃO

O “Pessoas e Lugares” errou

No *Pessoas e Lugares* número 14, na rubrica NETS, na página 19, dedicada às Redes LEADER+, o endereço de indicado para a Espanha (<http://www.redr.es>) diz respeito a uma das redes de âmbito nacional que existem em Espanha e não, como deveria, à “célula de animação LEADER espanhola” - <http://redrural.mapya.es> - Célula de Promoción y Animación de Desarrollo Rural.

Pelo facto, apresentamos as nossas desculpas a todos os leitores, especialmente às entidades acima referidas.

Aliar à tradição a inovação

Sem inovação não há progresso, sem identidade não há desenvolvimento

No programa LEADER o conceito de inovação tem sido discutido e reflectido na base de alguns pressupostos que sublinham o carácter original, demonstrativo e exemplar desta iniciativa comunitária. Este conceito aparece ligado, frequentemente, à identificação das necessidades particulares de um dado território rural, à criação de novos produtos ou serviços, à adopção de novos processos, métodos ou formas de organização ou mesmo, à procura de novas soluções, orientadas para o desenvolvimento sustentável destes territórios. A inovação é pois, um conceito-chave, que tem ajudado a explorar múltiplos caminhos para o desenvolvimento e renovação das zonas rurais, desafiando a criatividade, a competitividade e ajudando a repensar novas respostas para velhos problemas.

A experiência do Programa LEADER, em Portugal, tem vindo a demonstrar que a incapacidade de inovar não está directamente relacionada com a ruralidade, mas sim com a maior ou menor dinâmica e vivacidade de um dado território nomeadamente, a sua capacidade de adaptação ou mesmo invenção. De acordo com esta perspectiva, o *Guia Metodológico para análise das necessidades locais de inovação*, editado no âmbito do trabalho realizado pelo Observatório Europeu LEADER II, em 1996, destaca alguns pontos-chave relacionados com a identidade das necessidades locais de inovação, nomeadamente ao nível da aceitação da(s) identidade(s) de uma dada região, das suas particularidades e representações sociais, da especificidade das suas actividades e empresas que aí existem, do nível de competitividade e de acesso aos mercados, do grau de mobilidade das suas populações, do nível social e profissional e, em suma, das diversas formas de gestão do espaço e dos recursos naturais e ambientais.

A reinvenção do tradicional

Pensar no futuro dos territórios rurais exige que se reconheça a importância de aliar à tradição a inovação, obtendo vantagens comparativas com a conjugação destes dois elementos, estimulando a competitividade e exigindo, cada vez mais, um nível inventivo com respeito pela cultura e pela identidade. Sendo a inovação um processo eminentemente social, que pode revelar riscos e oportunidades, há que reconhecer que o actual contexto de mudança das zonas rurais é vantajoso para a emergência de respostas inovadoras e, nesse sentido, o trabalho desenvolvido no âmbito do LEADER tem vindo a acrescentar um importante e novo contributo à dimensão da inovação: a reinvenção do tradicional e a incorporação do novo, pensando em novas utilizações de produtos e materiais e proporcionando outras oportunidades de aprendizagem e de convivência com dinâmicas mais complexas. Os exemplos que se podem observar em muitos projectos LEADER são disso exemplo onde a inovação se pode observar na valorização dos recursos e do património local, na criação e oferta de novos serviços, na revalorização dos ofícios e artes tradicionais, na dinamização de nichos de mercado, na criação de novos produtos relacionados com a recuperação e relançamento agro-alimentar e artesanal, entre outros.

A inovação não pode ser considerada uma ameaça à tradição, nem um impedimento ao desenvolvimento, mas sim um instrumento cultural que ajuda a diversificar as economias locais, a renovar as culturas locais e a contrariar um certo cepticismo contra a mudança. Nas pequenas unidades das zonas rurais, onde há manifestamente uma ausência de produção em massa e em que o saber-fazer é transmitido de geração em geração, evidenciam-se, ainda hoje, muitas dificuldades de formação profissional e académica, factores que não são, como sabemos, bons aliados para um clima de inovação. Com ela,

o valioso capital humano pode sair enriquecido e fortalecido, deixando renascer uma sociedade crítica e renovada. Assim, se a um maior dinamismo tecnológico, económico e social se aliar um quadro de inovação e conhecimento, os resultados serão seguramente muito mais valiosos para a realidade das zonas rurais de Portugal, enquanto país que sabe e quer apostar no desenvolvimento humano e social. Importa ainda frisar que a inovação e o progresso, factores de dinamismo e mudança social, podem coexistir sem destruir a tradição e as identidades locais. Apenas há que aproveitar as forças de ambos, valorizar o capital humano e a qualidade de vida das populações das zonas rurais e aumentar o nível de consciência colectiva dos territórios, através da utilização apropriada e criativa dos seus recursos, estando atento às oportunidades de transferência de memórias, de saber e de tecnologia. As actuais configurações sociais e económicas do espaço social rural são marcadas pela complexidade do tempo presente que deixa muito claro que a educação e o conhecimento são factores fundamentais para se enfrentarem os novos desafios estratégicos das zonas rurais: contrariar o despovoamento, rejuvenescer as suas populações, projectando uma vida saudável e compensadora para aqueles que apostam viver nessas zonas. Assim, desenvolver e criar condições para o surgimento de novos produtos e serviços nos territórios rurais são aspectos e desafios essenciais para as Associações de Desenvolvimento Local que gerem o Programa LEADER e que devem estar no centro das suas atenções. Hoje, as novas abordagens ao desenvolvimento local, coincidindo com preocupações de sustentabilidade dos territórios, para além de apoiarem a diversificação das suas actividades e a intensificação de interações e fluxos, incentivam as populações rurais a aceitarem os novos mecanismos de modernização, favorecendo a renovação da imagem tradicional destes espaços.

A sociedade da informação em que nos vivemos reconhece o local enquanto possibilidade de internacionalização e de fortalecimento de uma cultura, de incitamento ao empreendedorismo e de intensificação das redes de inter-relação que facilitem a mobilização de uma consciência inteligente e colectiva. Trata-se de valorizar a nossa cultura e o nosso património, incitando ao progresso e estimulando a invenção, a renovação e a modernização na convicção que, sem inovação, não há progresso e sem memória e identidade, não há desenvolvimento.

Rui Veríssimo Batista
Maria do Rosário Serafim
IDRHa



Francisco Botelho

Inovação qualificada no Artesanato

A experiência do CEARTE

Consciente que a formação profissional desenvolve um papel essencial na renovação e valorização dos ofícios tradicionais, o CEARTE tem formado artesãos que colocando um grande rigor na execução estimulam a capacidade artística quer no respeito e conhecimento da tradição quer na abertura à inovação.

É assumido que há hoje uma forte necessidade de apostar na inovação de forma qualificada em parte significativa das produções artesanais. É por isso que o CEARTE - Centro de Formação Profissional do Artesanato procura incentivar a "justa parceria" entre o *designer* e o artesão em que ambos cooperam com o objectivo único de melhoria e qualificação das produções artesanais.

Se é verdade que há necessidade de inovar, de ir à procura de novas tendências de mercado, de se adaptar a novos públicos, de qualificar as produções artesanais, tudo deve ser feito sem descaracterizar as produções, sem adular as marcas da herança colectiva, renovando-se e recriando-se para se manter como uma forma de expressão cultural verdadeiramente representativa de um povo, de uma aldeia, de uma região ou de um país.

Só assim se preserva. Só assim se desenvolve. Só assim se renova. A renovação aliada à tradição é, no artesanato, sinónimo de reforço do seu futuro. É aqui - temos de assumir - que a formação desempenha um papel essencial enquanto instrumento "fornecedor" de competências aos artesãos para integrarem a inovação no dia-a-dia das suas unidades produtivas, ao nível dos produtos, das condições de trabalho, dos processos de produção, da gestão e da comercialização. Nesta linha o CEARTE desenvolve um conjunto alargado de intervenções pioneiras visando genericamente contribuir para a inovação qualificada no sector do artesanato, quer ao nível dos produtos e sua adequação ao mercado, dos processos de produção, de informatização e gestão das unidades produtivas, quer da imagem institucional e da comercialização dos seus produtos.

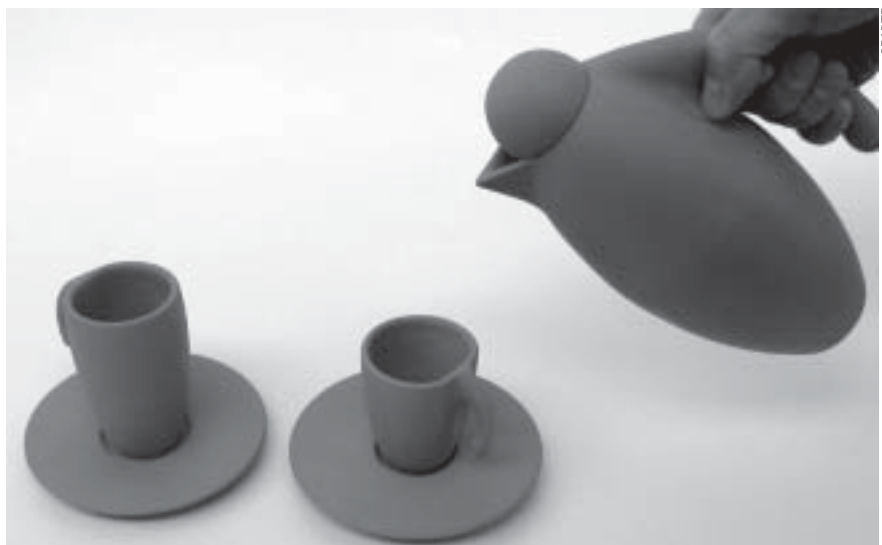
Destes, destacamos ao nível da formação contínua, a disponibilização e formação do Programa ÁGATA - Aplicação de Gestão para Unidades Produtivas Artesanais, a formação em desenho de Projectos e *Design*, em Estilismo, a formação em Gestão e comercialização.

Parcerias entre artesãos e *designers*

O *designer*, pela sua formação, pode conceber e inovar, mantendo a tradição, melhorando a forma e a decoração; pode ainda colaborar com o artesão na inovação de técnicas, materiais e desenhos.

O artesão tem um trabalho simultâneo de interpretação e de recriação do trabalho do *designer*, executando com a sua mestria e enorme saber-fazer os produtos finais; por outro lado, desempenha sempre um papel-chave em todo o processo dado que detém o domínio da técnica, aspecto que o *designer* nem sempre conhece.

Há obviamente aprendizagens mútuas; o artesão e *designer* devem interagir, criar cumplicidades, funcionar como equipa, criar processos de motivação e de inspiração mútuos, pois só esta união de esforços, de competências e de saberes pode levar à renovação e inovação desejada no artesanato.



Temos hoje variadíssimos exemplos que demonstram a clara associação e complementaridade entre *design* e artesanato, ou, de uma forma mais personalizada, entre *designers* e artesãos. Nos grupos de artesãos da área têxtil, espalhados sobretudo pelas regiões do Interior, no Vidro, na Cerâmica, na Joalheria e nas Madeiras, tem sido decisiva a intervenção dos *designers* em parceria com os artesãos fazendo a síntese entre a memória e do passado e do presente o património e a contemporaneidade a tradição e a inovação. A intervenção do *designer* significa uma mais-valia, acrescentando valor ao trabalho do artesão; ambos se complementam e se recriam estabelecendo uma forte ligação entre quem concebe e quem executa.

Apoio técnico a artesãos

Da missão e da estratégia do CEARTE de apoio ao sector, como complemento da formação, consta o desenvolvimento de projectos inovadores na área do *design*, contribuindo para a inovação no artesanato.

A abertura a estagiários na área do *design* para apoiar Unidades Produtivas Artesanais - iniciativa do Gabinete de Apoio ao Artesão e à Microempresa do CEARTE - centra-se na concretização deste objectivo.

Através deste projecto em colaboração com o Centro Português de *Design* e a ARCA, o Centro tem recém-licenciados em *Design* a estagiar no âmbito das artes e ofícios, devidamente acompanhados pelo *designer* do CEARTE. Estes técnicos deslocam-se frequentemente às Unidades Produtivas e, em parceria com o artesão desenvolvem projectos conjuntos na área do *design* de produtos e da comunicação.

Com o Programa REDE Expresso e o REDE Curta Duração do IEFP (Instituto do Emprego e Formação Profissional), através de uma equipa de consultores em gestão e *designers* seniores, o CEARTE apoia um conjunto de Unidades Produtivas Artesanais, quer ao nível do *design* de produtos, quer de comunicação, quer ainda da gestão.

A regra de intervenção (e vale a pena sublinhar o pioneirismo da atitude e metodologia utilizadas nas intervenções do REDE Expresso) traduz-se no lema: cada empresa é um caso, uma realidade única, que exige uma solução única também, à medida.

Numa primeira fase a função do Consultor-Formador reduz-se a saber escutar. O passo seguinte consiste em identificar objectiva e concisamente a situação que se pretende resolver, não a desligando nunca da "cultura da empresa". Depois de definida a intervenção, passa-se à fase da acção/intervenção propriamente dita.

A acção/intervenção termina com a resolução efectiva do problema e deve ser solicitado ao empresário, ainda que informalmente, uma avaliação de todo o processo de intervenção. O CEARTE encara o Rede Expresso como um processo em que ambas as partes ganham (sobretudo competências) e como um encontro de experiências e resultados (que podem ser futuros). Por um lado, as iniciativas/empresas resolvem efectivamente os problemas para os quais solicitaram apoio. Por outro, o CEARTE, ao resolvê-los, com a sua experiência e competência formativa, técnica e ética, contacta com a realidade do funcionamento das oficinas e dá sinais conscientes que evidenciam toda a sua vontade e disponibilidade em apoiar e estar próximo dos artesãos e das suas microempresas.

Desde o início do processo em 2003, o CEARTE interveio junto de 50 unidades produtivas artesanais nas áreas das TIC's/Página WEB/Formação e Programas Específicos; *Design* e Imagem; Organização e Optimização da Produção; Contabilidade, Fiscalidade e Gestão.

É este o caminho que o CEARTE procura trilhar numa atitude positiva e de resolução de problemas criando condições para a sobrevivência de algumas oficinas e produções artesanais.

Luis Rocha
Director do CEARTE

Inovar a partir da tradição

A intervenção da MARCA-ADL

Em Montemor-o-Novo, um território ainda identificado com práticas e valores do mundo rural, a construção de caminhos alternativos para o desenvolvimento tem passado pela valorização dos recursos ambientais e culturais do meio e por uma reflexão em torno da possível revitalização social e económica de actividades tradicionais e produtos locais, conferindo-lhes novas valências adequadas ao contemporâneo. Tradição, património, paisagem, têm sido as matérias-primas a partir das quais a MARCA- Associação de Desenvolvimento Local de Montemor-o-Novo tem construído o seu percurso. Enquanto acto de transmissão que transporta o passado para o presente (como a etimologia da palavra nos ensina), a tradição traz-nos os elementos pretéritos com que exploramos novas alternativas para o desenvolvimento ligadas à inovação e diversificação. Ao longo dos seus sete anos de actividade, a MARCA-ADL tem defendido uma perspectiva de desenvolvimento sustentável e inovador que integre de forma complementar a dimensão económica, social e a protecção do ambiente, que faça acompanhar a prática dos agentes da reflexão, investigação e actualização de conhecimentos e que se afirme por uma gestão qualificada dos recursos locais e valorização do território.

Memórias passadas, práticas presentes

A reactivação de um Telheiro na Encosta do Castelo esteve na génese da constituição da associação em 1996. O telheiro é uma unidade de produção de materiais cerâmicos para construção (tijolo burro e tijoleira) onde se preservam as técnicas artesanais e se utilizam as terras argilosas da região. Gerido pela MARCA desde 1997, funciona na área da produção de materiais de construção tradicionais que podem ser utilizados na recuperação de edifícios antigos e em novas propostas na arquitectura contemporânea. Esta vertente foi recentemente enriquecida com a produção de materiais cerâmicos decorativos com vidrados e engobes para pavimentação e revestimento de interiores e exteriores, inspirados em padrões e motivos do património artístico da região. No sentido de assegurar a continuidade da actividade, têm-se organizado cursos de formação profissional para jovens, contribuindo assim também para a integração social e promoção de emprego. O projecto associa ainda uma terceira vertente na área das artes plásticas ligando as técnicas e materiais tradicionais à produção artística contemporânea.

As novas questões ligadas às técnicas e materiais tradicionais que se levantam na recuperação de edifícios antigos nos centros históricos e zonas rurais, e as crescentes preocupações na área da construção sustentável, têm motivado a recuperação desta actividade tradicional que se encontrava extinta no concelho.

Com os Brinquedos Populares, partindo da investigação em torno de uma colecção etnográfica local, a MARCA acreditou ser possível criar dinâmicas de desenvolvimento, tornando-os elementos identificadores do património cultural da região, objectos de "marca" de um território. O potencial económico da sua produção e comercialização, levaram à preparação de artesãs para esta actividade através da formação profissional nas freguesias rurais de Lavre e Ciborro, tendo-se neste seguimento constituído em 2002 a Chica Amorica – Oficina de Brinquedos Populares. Construídos com materiais existentes no meio natural (madeira, cortiça, cana, lã, bolotas) e doméstico (trapos, botões, arames, latas), com recurso a técnicas de produção essencialmente manuais, estes brinquedos mantêm uma profunda ligação às matérias disponíveis no meio e às memórias e vivências rurais do Alentejo. São reproduções dos modelos do brinquedo popular: bonecas e bolas de trapos, gaiolas de grilo, espingarda de cana, carroças e tractores em cortiça. Mas nunca tendo sido o brinquedo popular um objecto estático, tem-se procurado inovar, produzindo novos modelos, em resposta a novas necessidades na área do lúdico e didáctico.

Também a paisagem e os seus recursos naturais e patrimoniais deram origem a um projecto que propõe a redescoberta e interpretação do território rural. Os "Passeios da Primavera – À Descoberta de Paisagens e Lugares Além Tejo", que a MARCA organiza desde 1998, compreendem anualmente cerca de seis percursos temáticos: plantas medicinais e aromáticas; profissões tradicionais; minas antigas; contos populares; paisagens megalíticas; entre



outros. Confrontando saberes popular e científico, colaboram no projecto, orientando as caminhadas pelo campo, zoólogos, botânicos, arqueólogos, geólogos, contadores de contos, pastores, ferreiros e ervanários.

O projecto surge num contexto de diversificação das práticas de ecoturismo e pedestrianismo, mas pretende ir mais longe procurando soluções criativas e sustentáveis para o desenvolvimento dos espaços rurais. A desertificação dos campos torna hoje necessária a interpretação e reinvenção de sentidos para os lugares outrora especiais: ermidas, fontes, antas, penedos, minas... Uma procura que a associação procurou enquadrar num projecto com impacte local, transformando os recursos da paisagem em produtos turísticos e de lazer, em resposta a um desejo crescente de reaproximação à natureza e aos espaços rurais.

Espaços para a reflexão

Para além da promoção de iniciativas de desenvolvimento local ligando tradição e inovação, a MARCA tem considerado fundamental criar espaços de reflexão sobre as questões do desenvolvimento e condições para a qualificação da acção dos agentes. Numa linha de investigação-acção, destaca-se a organização da Universidade de Verão de Montemor-o-Novo entre 1999 e 2001, constituída como uma rede de Universidades e Centros de Investigação. A matriz diferenciadora deste projecto estruturado a partir de uma problemática central – a relação entre identidades locais e a globalização – residiu sobretudo na busca de uma consciência fundamentada para problemas comuns e sobretudo influenciadora de práticas adequadas de desenvolvimento nas quais os valores culturais e identitários sejam previamente compreendidos e inseridos enquanto elementos essenciais de criação de futuro.

Também com a organização periódica dos Encontros de Projectos Locais, se tem procurado, a um outro nível, criar espaços de reflexão enquadra-dores da acção das IDL. A última de três edições, em 2003, debruçou-se sobre a "Inovação em Espaço Rural: O Contributo dos Projectos Locais". Pretendeu-se discutir e reflectir sobre o tema e, através da apresentação de boas práticas, estimular a iniciativa local, a acção criativa dos agentes no território, a partilha de informação e a eventual criação de articulações entre projectos.

A intervenção da MARCA-ADL em Montemor-o-Novo tem procurado um diálogo de valores e sistemas identitários entre a tradição e a modernidade, na definição de um modelo de desenvolvimento local qualificado e inovador. Os projectos que temos dinamizado, em articulação com a intervenção de outros agentes, demonstram que existe empreendedorismo, criatividade e inovação num território frequentemente associado a baixos índices de iniciativa. Em Montemor-o-Novo surgem novos protagonistas, integram-se vontades e energias, estabelecem-se parcerias, mobiliza-se a participação e cidadania, valorizam-se as potencialidades e as capacidades locais e aos poucos desenha-se uma visão integrada do desenvolvimento articulando endógeno e exógeno, local e global, tradição e inovação.

Catarina Oliveira
MARCA-ADL

Criar inovação a partir da tradição

A PRBIS (Produtos Regionais da Beira Interior Sul) é uma empresa consagrada à produção e comercialização de tecidos e bordados tradicionais. Sociedade unipessoal, com capital subscrito pela ADRACES, dá sequência a um trabalho que vem sendo desenvolvido há anos, em prol da preservação do saber-fazer na área da tecelagem e dos bordados e da promoção do emprego feminino. Como empresa moderna e agressiva adapta os seus produtos às necessidades e interesses de uma clientela actual, utilizando para isso uma montra na cidade de Castelo Branco – a Loja da ADRACES.

No território da ADRACES - Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul, como em todos os territórios do Interior, o desemprego afecta sobretudo a população feminina. Não é de estranhar, pois, que no âmbito da sua intervenção, a associação tenha procurado soluções para o problema, aproveitando para o efeito os programas de apoio disponíveis para a sua intervenção. Em 1996, enquadrados no Programa Escolas-Oficina, foram lançados dois cursos de longa duração (1 280 horas, componentes teórica e prática), nas áreas da Tecelagem Artesanal e também da Confecção. O grande objectivo destes cursos, para além de qualificar em tecnologias tradicionais, era promover o auto emprego das formandas, estando disponível um apoio específico para o efeito. Este objectivo, porém, veio a revelar-se difícil de atingir quando, no final do curso, nenhuma das formandas arriscou a criação do seu próprio emprego. A falta de auto-estima e, sobretudo, a falta de capacidade de empreendedorismo poderão justificar esta incapacidade de assumir os riscos de uma iniciativa empresarial. Tentando solucionar o problema e rentabilizar as qualificações entretanto obtidas, partiu-se para a criação de *Ateliers* onde, de uma forma enquadrada e logisticamente apoiada, as novas artesãs pudessem desenvolver a sua actividade. Foi assim que a ADRACES criou um *atelier* de tecelagem em Cebolais de Cima e outro de costura em Louriçal do Campo, que permitiram dar sequência aos cursos de formação empreendidos. Um terceiro *atelier*, dedicado aos tradicionais bordados de Castelo Branco, foi instalado na própria sede da associação, dando ocupação a formandas de um curso na capital do distrito.

A colocação da produção destes *ateliers* revelou uma dificuldade efectiva. Independentemente da promoção e da divulgação do produto junto dos públicos urbanos, a localização dos *ateliers* diminuía significativamente o afluxo de clientes. Começou então a ser clara a necessidade de uma montra na capital do distrito, aproveitando a dinâmica da população e dos visitantes para a comercialização directa dos produtos. A solução encontrada foi mais além do que a simples criação de uma loja.

Uma empresa e uma loja

A ideia de lançar uma iniciativa empresarial que pudesse enquadrar a produção e a comercialização, bem como imprimir uma lógica adequada aos mercados modernos levou à criação de uma empresa de capital uninominal, detido pela ADRACES, que enquadrasse o funcionamento dos *ateliers* e a loja a criar. É assim que nasce a PRBIS em 2003. No seu activo está o *atelier* de Bordados, em Vila Velha do Ródão, com seis artesãs, o *atelier* de tecelagem em Cebolais de Cima com três e o de costura, com quatro, divididas entre Louriçal do Campo e a loja de Castelo Branco. Um esforço para garantir 13 postos de trabalho de artesãs, a que se deverá acrescentar o lugar de uma estilista e o apoio técnico de gestão. Uma aposta que após um ano se começa a revelar realista e com imensas possibilidades de crescimento.

O *atelier* de tecelagem, para além dos padrões e modelos tradicionais em linho e algodão, garante a produção de tecidos para aplicação de bordados e, ainda, para a confecção de vestuário nos *ateliers* de costura. Por sua vez, o *atelier* de bordados, para além das afamadas e preciosas colchas de Castelo Branco, garante a produção de painéis e panos decorativos e, numa experiência nova, a decoração de peças



Francisco Botelho



Francisco Botelho

de vestuário elaboradas pela confecção da empresa. Obtém-se com isso uma integração das diferentes produções e a sua rentabilização numa aposta de produtos inovadores, protagonizada pelo *atelier* de alta-costura em funcionamento na Loja da ADRACES.

A concretização desta ideia de produzir, por encomenda, vestuário feminino com utilização de tecidos e de bordados tradicionais, é possível graças ao contributo de uma estilista regional, Teresa Silva, que assegura a execução de modelos únicos e de autor.

Duas passagens de modelos efectuadas no anfiteatro de Castelo Branco permitiram divulgar as colecções entretanto preparadas e serviram efectivamente para promover a ideia e para despertar o interesse num público urbano com efectivo poder de compra, gosto moderno e sensibilidade para os valores estéticos da tradição local.

A montra de toda esta actividade é agora a Loja da ADRACES, instalada numa moderna urbanização da cidade de Castelo Branco. Com um cuidado trabalho de arquitectura de interiores onde se casam os materiais e as cores tradicionais da região, a loja alberga uma zona de atendimento público e o próprio *atelier* de costura. As clientes que ali se deslocam têm um atendimento personalizado que procura detectar o seu interesse, gosto e preocupações. Numa conversa directa com a estilista, muitas vezes acompanhada com um chá ou um café, é possível escolher o tecido adequado, o modelo mais apropriado e a respectiva decoração. Depois de aprovado o modelo, o *atelier* de costura encarrega-se da sua execução garantindo ao cliente a satisfação do seu gosto pessoal e a rigorosa qualidade de confecção.

A procura deste novo serviço tem sido francamente animadora. A confecção de vestidos de casamento veio a revelar-se, nos últimos meses, um importante nicho de mercado. E a empresa, enquanto consolida a sua actividade vai já sonhando com novos voos. A promoção em espaços públicos através de passagens de modelos, a realização de saraus culturais onde a moda seja elemento de animação, produções de moda em revistas são projectos acarinhados. E o sucesso da actual loja leva a pensar na extensão do modelo a novos produtos, a produtos locais de excelência.

Os finos bordados de seda inicialmente conhecidos como "*bordados a fio frouxo*" (executados sem torção e utilizando o ponto do Oriente) e desde



Francisco Botelho

o início do século XX consagrados como "*bordados de Castelo Branco*", com os seus motivos tradicionais da *Árvore da Vida*, da *Águia Bicéfala*, da *Palma*, do *Cravo*, do *Galo* ou da *Albarrada*, encontraram agora uma nova aplicação nos vestidos de moda produzidos pela Loja da ADRACES. Talvez a simbologia dos motivos, próximos do casamento e da felicidade, sejam os melhores augúrios para esta nova aventura.

O empenho de todos quantos a partilham é evidente no primeiro contacto. O entusiasmo dos clientes é um facto. Motivos suficientes para acreditar na consolidação do projecto.

Francisco Botelho

	<p>Loja da ADRACES Rua Dr. Henrique Carvalho, lote 13, loja 2 6000-215 Castelo Branco Telef.: 272 347 126 Email: loja.adraces@adraces.pt</p>
--	---

Península de Setúbal

A inovação dos usos e costumes

A capacidade de articular as tradições incorporando conhecimentos inovadores nas actividades rurais, constituem aspectos essenciais que permitem a afirmação das regiões.

A ADREPES - Associação para o Desenvolvimento Rural da Península de Setúbal apercebendo-se das exigências para alcançar o sucesso nas economias rurais e das dinâmicas sociais, tem vindo a trabalhar em vários projectos que conjugam a valorização das tradições e a qualificação dos agentes locais utilizando tecnologias inovadoras.

Estes projectos surgem em áreas distintas e com objectivos diferentes conforme o público-alvo. De referir essencialmente quatro projectos: um na área da pedagogia infantil com a criação de um CD-ROM interativo para crianças; outro na área da valorização e promoção de queijos elaborados com coagulante vegetal, Projecto Cardum; outro na área do artesanato e, por fim, a criação de um Museu do Queijo de Azeitão, articulado com outras vertentes, como uma área de Turismo em Espaço Rural e um espaço de educação ambiental.

Despertar para a Informática,
Conhecer o Rural

O projecto "Despertar para a Informática Conhecer o Rural" pretende valorizar o património rural, apresentando às crianças de forma criativa, inovadora e divertida, a zona rural onde habitam, mostrando os seus recursos, produtos, tradições e especificidades. A criança acaba por descobrir e identificar o espaço onde vive de uma maneira lúdica mas pedagógica. A criação deste CD-ROM leva à elaboração de uma base de dados sobre os recursos da zona de intervenção da ADREPES, em áreas como os produtos tradicionais, a oferta turística, o património natural e histórico, que pode ser utilizada em projectos futuros.

Cardum

"Cardum" é um projecto de cooperação transnacional em colaboração com Grupos de Acção Local portugueses e espanhóis que tem como principal objectivo a criação de actividades que permitam obter as condições necessárias para a valorização e promoção dos queijos elaborados com coagulante vegetal. Neste sentido as acções coordenam-se por quatro áreas distintas: Científica, Técnico-Produtiva, Promocional e Transversal. A área científica prende-se com a investigação de vários estudos que procuram encontrar soluções para problemas específicos, tentando melhorar os processos produtivos e a qualidade dos queijos, construção de uma base de dados e organização de jornadas com os vários intervenientes. A área técnico-produtiva pretende o intercâmbio de experiências para descobrir e utilizar técnicas que permitam melhorar a utilização do coagulante vegetal na produção de queijos, bem como a elaboração de uma carta de qualidade comum e o aparecimento de novas denominações de origem. A área promocional favorece a promoção e comercialização do produto através da organização de canais de distribuição, criação de uma marca de identificação comum e a produção de folhetos, catálogos, publicações, CD-ROM, DVD, vídeo e página *web* que contribuam para a divulgação nacional e internacional dos queijos de modo a conquistar novos mercados. A área transversal tem como principal objectivo unir a cultura, a tradição e a experiência dos vários territórios portugueses e espanhóis que utilizam a flor de Cardum (*Cynara cardunculus*) no fabrico de queijo. Valorizar a cultura intrínseca de cada região, suas tradições e riquezas gastronómicas; aproveitar e fomentar oportunidades de comercialização; promover a técnica ancestral do fabrico de queijos e procurar em conjunto soluções para problemas comuns são os objectivos principais deste projecto.

Encontro de Artes e Ofícios

O abandono da actividade artesanal tradicional e o aumento das artes decorativas em substituição do artesanato tornaram-se preocupações crescentes da ADREPES que juntamente com as câmaras municipais da sua área de intervenção (Alcochete, Moita, Montijo, Palmela, Sesimbra e

Setúbal) têm desenvolvido um projecto que tem como principais objectivos: informar e sensibilizar os artesãos da Península de Setúbal; fomentar a criação de micro-empresas; estimular o associativismo na região e promover a certificação do artesanato. A concretização deste projecto passa pela organização de vários encontros que sensibilizem os artesãos para a importância da sua actividade no território e para as mais-valias que lhe estão associadas. Neste âmbito, o próximo Encontro de Artes e Ofícios da Península de Setúbal será nos dias 15 e 16 de Maio, no Parque de Exposições do Montijo e tem como principal finalidade o esclarecimento de alguns temas do interesse do artesão, como sejam, *O Estatuto do Artesão e da Unidade Produtiva Artesanal*, com comunicação do PPART; *Programas de Apoio ao Desenvolvimento do Artesanato*, com Comunicação do Centro de Emprego de Setúbal; *O Artesão e o Associativismo*, com comunicação da Associação Regional dos Artesãos e Artistas de Beja. Seguir-se-á uma mostra de artesanato onde o visitante terá oportunidade de assistir a demonstrações de saber-fazer tradicionais nas mais diversas expressões do artesanato.

Pretende-se nestes encontros a participação dos artesãos, de modo que sintam a valorização do seu ofício e a responsabilidade de qualificar e certificar o seu trabalho. Este tipo de iniciativas traz a promoção do território e potencia oportunidades de negócio aos artesãos.

Museu do Queijo de Azeitão

Actualmente, as nossas queijarias utilizam processos de fabrico modernos com tecnologias de ponta que permitem respeitar critérios de higiene e qualidade exigidos pelas normas europeias, perdendo-se com isso, as tradições de produção de queijo ancestrais. A criação do Museu do Queijo de Azeitão pretende recuperar a primeira queijaria de Azeitão com todos os seus utensílios e artefactos tradicionais que na época do seu funcionamento eram utilizados na produção de queijo. Este será um dos próximos projectos que a ADREPES apoiará e integra mais duas valências, uma na área do Turismo em Espaço Rural e outra na área da educação ambiental. Este projecto recupera o saber-fazer tradicional ao mesmo tempo que cria um espaço de lazer e instrui todos os que por ali passam.

A herança da diversidade cultural que os territórios rurais oferecem deve ser acompanhada com uma revitalização das práticas produtivas e um aproveitamento integrado dos seus espaços de modo a captar o interesse de novos investidores e de novos visitantes, garantindo a continuidade das tradições e apostando nos desafios futuros.

Cláudia Bandeiras
ADREPES





Beira Interior Sul

Zona de transição encostada à fronteira, onde acaba a planície e começa a montanha, a Beira Interior Sul sofre com o carácter periférico do território. Longe dos centros de decisão, tem na riqueza histórica e natural as principais potencialidades de desenvolvimento.

Quatro concelhos - Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Penamacor e Vila Velha de Ródão - repartidos por 52 freguesias, num total de 3 738 km², compõem o território de intervenção da ADRACES - Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul.

Uma área extensa, coincidente com a NUT III - Beira Interior Sul, e que é ponto de transição entre o Alentejo e a Beira, a montanha e a planície, rica de contrastes geográficos e de recursos naturais.

Com clima quente no Verão, causado pelo efeito-barreira, exercido pela Cordilheira Central, e frio no Inverno, ao nível da geomorfologia a região é marcada pelo planalto de Castelo Branco, com uma morfologia relativamente monótona, interrompida por acidentes topográficos como as Portas de Ródão (cristas quartzíticas que enquadram o percurso do Tejo) e o *inselberg* de Monsanto (relevo rochoso).

Ao nível demográfico verifica-se a redução e envelhecimento populacional. De acordo com os resultados efectivos dos Censos de 2001, a Beira Interior Sul regista uma quebra de 3,53 por cento do efectivo populacional, no período entre 1991 e 2001. Números distantes da subida de 3,26 por cento da Região Centro, e do aumento de 4,37 por cento do país.

O concelho de Castelo Branco contrasta com o restante território, apresentando uma subida de 2,86 por cento. De resto, as descidas são acentuadas. Penamacor e Vila Velha de Ródão apresentam quebras de 22,54 por cento e 21,83 por cento, respectivamente.

Estas descidas do efectivo populacional reflectem-se na escassa densidade populacional do território, que se cifra nos 20,9 hab/km². Valor que se

deve principalmente à baixa densidade populacional de Idanha-a-Nova (8,2 hab/km²), Penamacor (11,9) e Vila Velha de Ródão (12,3). Mais uma vez, Castelo Branco contraria esta tendência, com uma densidade populacional de 38,9 hab/km². Mesmo assim, muito abaixo dos 75,2 hab/km² da Região Centro.

Além disso, a região encontra-se num processo de envelhecimento profundo. O grupo etário de 65 e mais anos revela um peso elevado (26,9%), enquanto que apenas 12,7 por cento da população tem entre 15 e 24 anos e apenas 12,3 por cento tem menos de 14 anos.

De acordo com dados do INE - Anuário Estatístico da Região Centro, de 1999, os índices de envelhecimento elevados atingem o expoente no concelho de Idanha-a-Nova (437,96%). Castelo Branco é o concelho com os índices mais baixos, com 159,19 por cento. Valores que se traduzem num índice de envelhecimento de 217,67 por cento na Beira Interior Sul.

O elevado índice de envelhecimento da população explica-se na relação entre as taxas de natalidade e mortalidade. A Beira Interior Sul apresenta uma taxa de natalidade de 8,45 por cento, muito abaixo dos 16,09 por cento da taxa de mortalidade. Para este valor contribuem principalmente os concelhos de Penamacor (26,32%), Vila Velha de Ródão (21,67%) e Idanha-a-Nova (21,15%).

Ao nível do emprego, e de acordo com o Recenseamento Geral da População, de 1991, a taxa de desemprego da Beira Interior Sul era de 5,4 por cento, atingindo os valores mais elevados em Vila Velha de Ródão (8%) e Penamacor (7,7%).

Aqui, verifica-se uma expressiva dicotomia sexual, com a percentagem de homens desempregados em idade activa a manter-se nos 3,4 por cento, enquanto a percentagem de mulheres atinge os 8,7 por cento. Outro elemento preocupante é o facto de 2,5 por cento dos inscritos no Centro de Emprego de Castelo Branco serem licenciados, o que demonstra alguma dificuldade de emprego neste nível de ensino.

A taxa de actividade atinge os 36,5 por cento, com o seu valor máximo a situar-se nos 41 por cento de Castelo Branco, em contraste com os 25,7 por cento de Idanha-a-Nova, que representam o valor mínimo da taxa de actividade na região. No total, a população empregada, com 12 ou mais anos, atinge um efectivo de 27 932 habitantes.

Numa dinâmica empregadora em transformação, a análise de distribuição sectorial na Beira Interior Sul revela que o sector primário ainda tem um peso considerável, correspondendo a 15,24 por cento da taxa de ocupação. Segue-se o sector secundário (33,47%), cabendo ao terciário a maior taxa de ocupação do território, com 51,27 por cento.

Os concelhos de Idanha-a-Nova (41,77%) e Penamacor (31,13%) são aqueles em que o sector primário tem maior expressividade em termos de ocupação, sendo os principais responsáveis pelos 15,24 por cento da Beira Interior Sul. Valor ainda assim mais baixo do que os 17,05 por cento da Região Centro.

A agricultura da região caracteriza-se pela predominância das culturas permanentes, da policultura e da polipequária, destacando-se as produções de fruticultura e citrinos, olivicultura, horticultura, cerealicultura e a criação de ovinos, caprinos e bovinos.

Ainda ao nível produtivo, a maior proporção de empresas da sub-região concentra-se em actividades de comércio por grosso e a retalho, reparação de veículos automóveis, motociclos e bens de uso pessoal e doméstico, que corresponde a 33 por cento das empresas. Seguem-se as actividades de construção, hotelaria e restauração, e as actividades da indústria transformadora.

Da caracterização empresarial da Beira Interior Sul ressalta um aspecto importante relativo ao tipo e dimensão das mesmas, com uma larga maioria a enquadrar-se no segmento de microempresas. De acordo com dados de 1997, 1 187 empresas da região encaixavam neste tipo, enquanto 147 eram caracterizadas como “muito pequenas”, 21 “pequenas” e apenas quatro “médias”, verificando-se a inexistência de empresas “grandes”. Do total de 1 359 empresas da região, 1 106 estavam localizadas no concelho de Castelo Branco, o que é revelador da importância deste concelho para a economia da região.

A análise da iniciativa empresarial permite ainda concluir que entre 1986 e 1997 foram criadas 1 027 empresas na região, enquanto 352 foram encerradas. Contudo, uma análise mais detalhada permite perceber que o número de empresas encerradas corresponde a mais de metade das empresas existentes em 1986 (690 empresas), o que revela oscilações grandes no número de empresas, com tempo de vida reduzido e com tendência para a diminuição da importância da indústria, suplantada pelo aumento de importância de actividades ligadas ao comércio.

Riqueza histórica e natural

No entanto, uma das maiores oportunidades da região reside no elevado potencial de atracção turística. Entre serras, vales, planícies, lagos, rios, termas, castelos, aldeias históricas e parques naturais, a Beira Interior Sul apresenta um diversificado conjunto de riquezas naturais e edificadas. Ao nível do património natural, o território apresenta uma invulgar população faunística. Raposa, coelho bravo, lebre, texugo, lontra, geneta, javali, e cerca de 100 espécies de aves, desde a cegonha branca e negra, ao milhafre preto, águias e corujas, podem encontrar-se no território.

Entre as zonas protegidas contam-se o Parque Natural do Tejo Internacional, Reserva Natural da Serra da Malcata, bem como zonas protegidas em Penha Garcia, Idanha-a-Nova e Vila Velha de Ródão, classificados como biótipo corine.

No capítulo do património histórico e cultural, o território apresenta um considerável espólio que atravessa várias épocas, com vestígios pré-históricos, romanos, visigóticos ou medievais.

São disso exemplo os extraordinários exemplares de arte rupestre em Vila Velha de Ródão. Um dos concelhos em que se concentra um dos mais apreciáveis espólios de gravuras rupestres, que se estendem ao

Zona de Intervenção LEADER+



longo de 40 km, mas que estão quase na totalidade submersas pelas águas da barragem do Fratel.

No território podem encontrar-se duas das “aldeias históricas de Portugal”: Idanha-a-Velha e Monsanto. A primeira apresenta vestígios do paleolítico, cultura megalítica e castreja, e romana (antiga cidade *Civitas Igaeditanorum*) uma Sé catedral visigótica, ainda existente, além de sinais da Exitânia muçulmana. Monsanto, a “aldeia mais portuguesa de Portugal”, talhada na rocha e com um conjunto urbano de arquitectura invulgar, conserva alguns vestígios pré-históricos e sinais da existência de um castro pré-romano, além de marcas de presença visigótica e romana, que se misturam em edifícios e monumentos. Por fim, uma visita à Beira Interior Sul não pode ficar completa sem a visita aos inúmeros castelos, muralhas, palácios, igrejas, mosteiros e conventos espalhados pela região. É o caso de Penamacor, antiga e histórica praça de guerra medieval, fortificada por Gualdim Pais, depois de conquistada aos mouros, ou do castelo de Penha Garcia.

A profunda religiosidade que marcou a região durante o período medieval e nas épocas seguintes deixou marcas arquitecturais patentes na lista de 58 igrejas, conventos, capelas e ermidas assinalados pela ADRACES. Uma lista incompleta, centrada nas construções mais importantes, mas reveladora da riqueza e importância deste património para a região.

João Limão



Francisco Botelho



Francisco Botelho

ADRACES

Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul



Constituída pelas autarquias de Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Penamacor e Vila Velha de Ródão, a ADRACES - Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul arranca formalmente em Fevereiro de 1992.

Promover o desenvolvimento económico, cultural e social das populações das áreas rurais daqueles concelhos da Beira Interior Sul é, desde logo, definido como o principal objectivo desta associação, nascida no seio de uma forte e efectiva parceria local.

É assim, em complementaridade e articulação com outras instituições e iniciativas comunitárias e nacionais, que a ADRACES vem desenvolvendo a sua estratégia de desenvolvimento. Programas como o LEADER I, LEADER II, ADAPT (Adaptação de Mão-de-obra às Mutações Industriais), Escolas-Oficina (IEFP) e Centros Rurais (Centro Rural Ocreza), são geridos e implementados em complementaridade, e articulação com a estratégia global de desenvolvimento definida para a região pela associação.

De forma a conciliar no terreno os vários instrumentos financeiros existentes, a ADRACES tem vindo a desempenhar um papel que vai mais além do que a "simples" gestão e implementação de programas. A ideia de que uma Associação de Desenvolvimento Local (ADL) não deve limitar-se a gerir programas ou iniciativas é, de resto, o princípio defendido.

Neste sentido, um dos caminhos que a associação está a seguir neste momento é o da criação de uma rede de competências a nível regional. Enquadrado no âmbito do Programa EQUAL,

a ADRACES definiu quatro micro zonas de intervenção com a instalação de outros tantos pólos (Penamacor, Zebreira, Ninho do Açor e São Vicente da Beira), para aí fazer um "trabalho de extensão de desenvolvimento local", através de uma equipa de animadores (leia-se agentes de desenvolvimento local). Um elemento de dinamização e animação das populações rurais é como esta associação se revê no terreno.

A cooperação é outra das grandes apostas desta associação. Ao longo dos anos, a ADRACES tem vindo a desenvolver um forte quadro de parcerias a nível local, regional, nacional e transnacional. Devido ao carácter de fronteira que caracteriza a zona de intervenção da ADRACES, a cooperação transfronteiriça assume naturalmente grande expressão, destacando-se neste capítulo a cooperação estabelecida com a Associação Internacional La Raya.

No âmbito das parcerias locais, sobressai o apoio aos empresários das micro e pequenas empresas, associações locais, artesãos, projectos de cariz didáctico com escolas e universidades e a formação profissional. Acreditada como entidade formadora desde Fevereiro de 1998, a ADRACES tem vindo a promover no quadro de diversos programas - designadamente do LEADER e Escolas-Oficina (IEFP) - medidas preventivas e adequadas ao nível da formação, tanto ao nível da especialização de mão-de-obra, como da formação de activos e desempregados.

ADRACES
Rua de Santana, n.º 277
6030-230 Vila Velha de Ródão
Telefone: 272 540200 | Fax: 272 540209
E-mail: adraces@adraces.pt | Site: <http://www.adraces.pt>

Órgãos sociais:

Assembleia Geral: *Presidente* Domingos Manuel Bicho Torrão (Presidente da Câmara Municipal de Penamacor) / *1º Secretário* Sandra Maria Pires Vicente (Presidente da Menagem) / *2º Secretário* Armindo Moreira Palma Jacinto (Vice-presidente da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova)
Direcção: *Presidente* Arnaldo José Pacheco Brás (Vereador da Câmara Municipal de Castelo Branco) / *Vice-Presidente* António João Nunes Realinho (Individual) / *Vice-Presidente* Álvaro José Cachucho Rocha (Presidente da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova)
Conselho Fiscal: *Presidente* Maria do Carmo de Jesus Amaro Sequeira (Presidente da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão) / *Vogal* Luís Manuel dos Santos Correia (Vereador da Câmara Municipal de Castelo Branco) / *Vogal* António Manuel Conceição Cabanas (Vice-presidente da Câmara Municipal de Penamacor)

Associados/Parceria LEADER+ (GAL):

ADRACES - Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul; Câmara Municipal de Castelo Branco; Câmara Municipal de Idanha-a-Nova; Câmara Municipal de Penamacor; Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão; Amato Lusitano - Associação de Desenvolvimento; Egitânia - Associação de Desenvolvimento de Terras da Idanha; Menagem - Associação Cultural e de Desenvolvimento de Penamacor; CMCD - Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão; Magarefa - Associação dos Produtores Florestais; NERCAB - Associação Empresarial do Distrito de Castelo Branco; Cooproque - Cooperativa de Produtores de Queijo de Alcains; Rodoliv - Cooperativa de Azeites de Ródão; Api-Ródão - Cooperativa dos Apicultores do Concelho de Vila Velha de Ródão; Cooperativa de Produtores de Queijo da Beira Baixa e Idanha-a-Nova; Associação de Produtores de Queijo do Distrito de Castelo Branco; António João Nunes Realinho; Joaquim Morão Lopes Dias; José Luís de Oliveira Gonçalves; Vítor Manuel Pires Carmona; Francisco Sousa Batista

PDL LEADER+

Valorizar os produtos locais

O Plano de Desenvolvimento Local (PDL) da ADRACES, no âmbito do Programa LEADER+, assenta em duas componentes complementares e interligadas entre si: a promoção e valorização das produções locais de excelência e a preservação, valorização e melhoria do ambiente, património e qualidade de vida do território.

Apostando na "Valorização dos Produtos Locais", o PDL LEADER+ da ADRACES tem por objectivos gerais a promoção de novas oportunidades, através do desenvolvimento endógeno e projectos-piloto, a promoção de produções com certificado de origem; a promoção da competitividade dos sectores associados às produções; a salvaguarda do seu território e do seu património; a promoção da coabitação harmoniosa entre pessoas, actividades, património e os restantes bens e seres.

As necessidades sentidas ao longo dos anos, bem como a realidade vivida no dia-a-dia, levaram a associação a privilegiar no LEADER+ a reabilitação e qualificação ambiental de centros cívicos em espaços rurais e de "lugares" de promoção de produtos locais de qualidade em localização

de "excelência" e a valorização e qualificação do património histórico-cultural para actividades turísticas e culturais; o apoio a pequenos e micro projectos com carácter inovador na área dos produtos locais e em actividades inovadoras promotoras de novos processos tecnológicos, assim como em estruturas de promoção turística/restauração com tradição/inovação; a dinamização e qualificação de núcleos socioculturais e recreativos em zonas rurais, assim como uma rede de apoio à reabilitação de actividades socioculturais multissetoriais de apoio ao desenvolvimento local; isto no capítulo dos Investimentos. No que diz respeito às Acções Imateriais, o ênfase é dado à formação profissional na área dos produtos locais e ambiente e a acções de promoção, divulgação e valorização nestas mesmas áreas. De acordo com dados da associação, até 5 de Março último o GAL da ADRACES aprovou 35 projectos (16 dos quais na Medida 1, 14 na Medida 2 e os restantes na Medida 4), afectando assim 1 941.954,60 euros dos 4 568.859,06 euros previstos no PDL LEADER+.

Textos de Paula Matos dos Santos

Equipa Técnica do GAL



António João Nunes Realinho
Director/Coordenador

Natural da freguesia de Lourçal do Campo (concelho de Castelo Branco), António Realinho, 42 anos, foi o dinamizador da criação da ADRACES. Assumindo desde logo as funções de director/coordenador, António Realinho, licenciado em Economia, abraçou o "Desenvolvimento Local", conduzindo esta associação no desenvolvimento da Beira Interior Sul. Ao longo dos 12 anos de vida da associação, este economista nunca abandonou, no entanto, o mundo empresarial ao qual continua profundamente ligado.



Teresa Paula Tavares Magalhães
Coordenadora-Adjunta

"Este é mesmo o meu projecto de vida". É assim que Teresa Magalhães define o seu trabalho na ADRACES, referindo-se especialmente à Loja d'ADRACES - projecto que acompanha directa e apaixonadamente. Licenciada em Ciências da Educação, Teresa Magalhães não perdeu tempo quando logo após o curso se vê sem trabalho. É no NERCAB que Teresa Magalhães traça o seu destino profissional. Teresa Magalhães exerce funções de secretária quando, em 1991, o convite para a ADRACES chega; sem hesitar, embarca na "aventura".



Luís Manuel de Andrade
Técnico

Luís Andrade chega à ADRACES poucos meses depois do seu arranque. Natural de Castelo Branco (da freguesia de Sarzedas), Luís Andrade deixa-se ficar pela "terra" quando decide continuar os estudos. Acompanhando desde pequeno os trabalhos agrícolas, aposta no curso de Engenharia Florestal no Instituto Politécnico de Castelo Branco que, mais tarde, complementa com uma pós-graduação em Políticas Agrárias e Desenvolvimento Rural na Universidade da Beira Interior. Podendo dizer-se que encontrou o seu primeiro emprego na ADRACES, Luís Andrade tem acompanhado de perto os projectos da associação, onde, diz "revemos grande parte do nosso trabalho".



Rui Miguel de Oliveira Rodrigues
Técnico

Na ADRACES desde 1995, Rui Rodrigues, desempenha funções sobretudo na área da informática. Quer do LEADER quer de qualquer outro programa gerido pela ADRACES, é ao Rui Rodrigues que compete tratar da parte informática e gráfica. Antes de entrar na ADRACES, Rui Rodrigues trabalhava no GADIL - Gabinete de Apoio ao Desenvolvimento de Iniciativas Locais (entretanto extinto) de Vila Velha de Ródão, de onde é, aliás, natural.



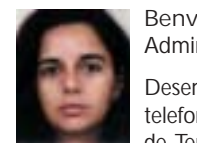
Maria da Luz de Matos Marques
Técnica

Maria da Luz nasceu no Zimbábue há 27 anos mas tinha apenas seis meses quando os pais decidiram regressar à terra natal: Vila Velha de Ródão. Licenciada em Contabilidade pelo Instituto de Matemática e Gestão de Castelo Branco, Maria da Luz é, juntamente com António Realinho e Luís Andrade, responsável pelo gabinete administrativo e financeiro. Confessa que "não tinha uma ideia muito concreta" desta área de trabalho quando em 1996 chega à ADRACES. Aos poucos, à medida que vai continuando os estudos, vai apercebendo-se de muito daquilo que hoje lhe passa pelas mãos.



Alexandra Nunes Pires Ventura
Administrativa

Na ADRACES há cerca de nove anos, Alexandra Ventura conhece talvez melhor que ninguém o gabinete administrativo e financeiro da associação. Não obstante se ter formado pelo 12º ano de escolaridade, Alexandra Ventura é "das melhores funcionárias da casa", afirma Teresa Magalhães que acrescenta ainda "é outra das pessoas que cresceram cá", na ADRACES.



Benvinda Maria Pires Dias
Administrativa

Desempenhando as funções de recepcionista e telefonista, Benvinda Dias é, pegando nas palavras de Teresa Magalhães, "das pessoas mais importantes" da casa (ADRACES), já que ela é a primeira voz e a primeira cara da associação. Na ADRACES desde 1996, é natural de Vila Velha de Ródão.

Um fim-de-semana na... Beira Interior Sul

Entre Terras de Idanha e do Ródão

Ali, entre terras de Portugal e de Espanha, uma língua de água serpenteia. Ali, através do Tejo, se entra por terras portuguesas. Ali, entre serranias e campinas se extremam as Beiras, o Alentejo e o Ribatejo.

Castelo Branco, mercê das novas acessibilidades, está no centro de tudo. Como lá se costuma dizer, são duas horas a Lisboa, três ao Porto, quatro a Madrid. Perto dos centros decisores de Portugal e de Espanha, porque estamos em terras que aprenderam, ao longo de séculos, que as fronteiras políticas ficam muito aquém dos laços humanos e culturais.

Castelo Branco é hoje uma cidade moderna e que fornece uma atractiva vida cultural e de lazer. Uma visita obrigatória deverá ocupar os visitantes. O Museu Francisco Tavares Proença Júnior, que ostenta o nome do seu fundador e as suas colecções arqueológicas e de artes decorativas, é de visita essencial. E o Jardim do Paço Episcopal, na antiga residência de férias dos Bispos da Guarda, elaborado ao gosto italiano, com os canteiros de bucho e as célebres escadarias dos Reis e dos Apóstolos, é uma das referências monumentais obrigatórias. Mas se, por si só, a cidade é garante de ocupação e de lazer, é também o ponto de partida ideal para uma descoberta da região e das inúmeras atracções que apresenta.

As termas do Monfortinho são uma óptima abordagem para as "terras da Idanha" e são detentoras de um importante e moderno parque hoteleiro, construído em torno da actividade banhar e termal. Conhecidas desde sempre como águas de excelência, tépidas, claras e excelentes para beber, são hoje em dia utilizadas para doenças da pele e do fígado e intestinos, estando o respectivo balneário dotado das mais modernas tecnologias para o tratamento de doentes e para práticas de lazer.

Os amantes da caça têm, ali bem perto, uma oportunidade única de se dedicarem à caça grossa. Mas a caça não é só atracção desportiva, ela está nas ementas de alguns dos restaurantes locais e podem ser adquiridos artigos de fumeiro de caça, caso raro em terras portuguesas.

Penha Garcia é uma aldeia que surpreende sempre quem percorre a região. Ao longo da estrada, os olhos ficam-se naquele casario concentrado na encosta e encimado por um castelo roqueiro. Não faz parte dos roteiros das aldeias históricas mas que isso não desanime quem por lá passa. As ruelas, as casas e o castelo são exemplares da melhor arquitectura rural deste país. E depois, lá no cimo, depara-se-nos o vale do rio Ponsul e, mais acima, a barragem. Mas o mais surpreendente são as encostas rochosas e, lá no fundo, um conjunto airoso de moinhos, restaurados, e de uma praia fluvial deslumbrante. Do castelo até ao vale, um percurso sinalizado permite desfrutar da paisagem, do rio, dos moinhos e dos fósseis, elemento surpreendente nesta paisagem de sonho.

Monsanto, ali ao lado, ostenta o pergaminho de ter sido, nos anos 50, classificada como a aldeia mais portuguesa de Portugal.

A sua arquitectura beirã e as suas especificidades culturais ainda se mantêm – e se cultivam – agora ao serviço dos muitos milhares de visitantes que a percorrem todo o ano. E no cimo da torre campanário, reluzente ao sol, lá figura como catavento a réplica do troféu que a tornou conhecida e referenciada.

Idanha-a-Velha, logo a seguir, mais modesta no casario, impressiona pela história. Pelos pergaminhos de ter sido cabeça de bispado em tempos visigodos e de manter a sua igreja catedral e os riquíssimos testemunhos arqueológicos romanos e medievais. Percorrer as suas imediações até ao Lagar de Varas recentemente recuperado ou perder-se na contemplação das inscrições epigráficas ou das ruínas arqueológicas é sempre um prazer.

Mas a cabeça das Terras de Idanha é hoje Idanha-a-Nova, sede do concelho com um invejável conjunto de infra-estruturas em que se destaca o moderno Centro Cultural. Com um dimensionamento invulgar para o interior é hoje responsável por uma dinâmica cultural que faz inveja a muitas cidades do litoral. E a sua exposição permanente de alfaías agrícolas e da actividade de olaria é motivo suficiente para uma demorada visita.

As acessibilidades já não são um problema para esta região. Rumar a sul e demandar Vila Velha do Ródão é hoje um instante. Percorrer as ruas antigas, contemplar o pelourinho manuelino e, obrigatoriamente, visitar o Centro Municipal de Cultura e de Desenvolvimento onde, numa cuidada exposição, se mostra a arqueologia do Ródão. Imagem de marca a referência aos fósseis da região e às célebres gravuras rupestres do Ródão, afundadas por ocasião da construção da Barragem do Fratel mas de que se conservam o inventário e os desenhos. Aos pés do Tejo, Vila Velha do Ródão possibilita todos os prazeres de uma grande albufeira. Desportos náuticos, passeios de barco, pesca, descoberta da paisagem, as atracções são múltiplas. E é ali, mesmo ao lado, que ficam as célebres "portas do Ródão", uma falha conquistada pelo rio no maciço rochoso da Serra do Perdigão, uma curiosa formação montanhosa constituída por duas cristas paralelas entre Proença-a-Nova e Nisa.

Num fim de tarde, com o sol a perder-se no horizonte, podemos subir até ao velho castelo de Ródão, hoje completamente em ruínas e de que só resta uma decadente torre. Ouvir ou ler a lenda do rei Wambo e da mulher que se perdeu de amores por um rei mouro. E debruçarmo-nos sobre o Tejo, vendo lá em baixo, entre as penedias, famílias de rapinas. E o olhar fica ali, a espriar-se por um horizonte sem fim, sobre a língua espelhada e sinuosa do Tejo. Ficar ali, sentindo o silêncio da natureza, os aromas das plantas e o calor do sol poente retempera a alma para os maiores trabalhos da vida moderna.

Francisco Botelho



Francisco Botelho



Francisco Botelho

para dormir

Quinta da Ribeirinha
Rua da Alegria, 4 - 6060-326 Penha Garcia
Tel.: 277 366477

Albergaria Estrela de Idanha
Av. Zona Nova de Expansão
6060-909 Idanha-a-Nova
Tel.: 277 200500 | Fax: 277 200509

Hotel Idanha Caça
Estrada Nacional 240 - 6060-261 Ladoeiro
Tel.: 277 927130 | Fax: 277 927515

Quinta do Carvalhinho
Ventosa do Bairro - 3050-580 Mealhada
Tel./Fax: 231 289343

Complexo Turístico Portas de Ródão
Rua Cabeço Salvador, 217
6030-217 Vila Velha de Ródão
Tel.: 272 545250 | Fax: 272 545480

para comer

Restaurante O Javali
Estrada Nacional - 6060-302 Penha Garcia
Tel.: 277 366166

Restaurante O Rato
Rua Nova - Alfrivida - 6030-053 Perais
Tel.: 272 989388

Complexo Turístico Portas de Ródão
Rua Cabeço Salvador, 217
6030-217 Vila Velha de Ródão
Tel.: 272 545250 | Fax: 272 545480

Restaurante 2 Pinheiros
Estrada Nacional 232 - 6090-535 Penamacor
Tel.: 277 394517

Praça Velha
Largo Luis de Camões - 6000-116 Castelo Branco
Tel.: 272 328640 | Fax: 272 328620

para visitar

Loja D'ADRACES - Castelo Branco
Museu Tavares Proença Júnior - Castelo Branco
Jardim do Paço - Castelo Branco

Museu de Alcafozes - Alcafozes
A Força da Pedra - Percurso pela Aldeia - Monsanto

para levar

Bordado de Castelo Branco
Artigos de Tecelagem
Azeite da Beira Interior
Artesanato em Ferro
Queijo de Castelo Branco
Doçaria seca
Mel

Para mais informações:

ADRACES
Rua de Santana, 277 - Vila Velha de Ródão
Tel.: 272 540200 | Fax: 272 540209
E-mail: adraces@adraces.pt

Artesanato dos Açores

Magna Mater

A partir de uma parceria entre a ADELIAÇOR – Associação para o Desenvolvimento Local de Ilhas dos Açores, a ASDEPR – Associação para o Desenvolvimento e Promoção Rural, a Secretaria Regional da Economia – Centro Regional de Apoio ao Artesanato e o PPART – Programa para a Promoção dos Ofícios e das Micro Empresas Artesanais, surgiu o projecto “*Magna Mater – O Design no Artesanato*”.

Trata-se de um projecto inovador que proporcionou o trabalho em conjunto de *designers* (alunos finalistas da Universidade de Aveiro) e artesãos locais, descobrindo e desenvolvendo propostas inovadoras de artefactos que aliam as tecnologias tradicionais às novas exigências dos mercados contemporâneos.

Rendas, bordado a palha, tecelagem, cerâmica e bordado a matiz

Um dos principais objectivos consistiu em enaltecer a contribuição do *design* como meio de valorização do artesanato, nomeadamente as rendas, o bordado a palha sobre tule, a tecelagem, a cerâmica e o bordado a matiz. As artes escolhidas tiveram por base factores culturais que reflectem as especificidades da nossa Região, e que se explicam assim:

- as rendas dos Açores primam pela diversidade de motivos, caracterizados por uma complexidade formal, que só é permitida pela fina linha usada. Os elementos são essencialmente orgânicos (hortências, amoras, flores de maracujá); são estes aspectos que tornam as rendas dos Açores tão específicas, tão açorianas;
- o bordado a palha é outra das singularidades destas ilhas. Produzido na ilha do Faial é um ofício cuja técnica se diferencia de todos os outros bordados, surgindo em substituição a palha e a agulha suprimida, tendo as mãos um papel fundamental na formação dos pontos;
- a tecelagem assume mais preponderância na ilha de São Jorge. Fazendo uso das matérias-primas locais, as artesãs davam um maior protagonismo às colchas e mantas, povoando os espaços privados fazendo parte do contexto cultural açoriano. Os trabalhos eram especialmente caracterizados pela rusticidade e multiplicidade estética, caracterizada por formas geométricas e simétricas;
- a cerâmica é produzida por processos artesanais, desde a moldagem até à pintura, predominando a cor azul e os motivos florais, tal como nos bordados a matiz;
- o bordado a matiz, tradicional da ilha de São Miguel é bordado a dois tons sobre linho, predominando o azul e a aplicação de motivos florais. A característica deste bordado consiste no matizado conseguido pela sobreposição na transição dos dois tons.

O projecto consistiu na realização de dois *workshops* descentralizados nas ilhas de São Miguel e do Faial com a duração de 10 dias (de 16 a 26 de Setembro de 2002), com o objectivo de reunir todos os participantes, consoante as artes a trabalhar, no mesmo espaço criando um ambiente propício à troca de ideias e experiências que resultasse numa fusão de projectos como por exemplo a combinação do bordado a matiz com a cerâmica açoriana.

Dar visibilidade à iniciativa foi igualmente uma preocupação tendo os *designers*, para o efeito criado o logotipo *Magna Mater* que se tornou na imagem identificativa do acontecimento. Um dos aspectos importantes a realçar do projecto foi a interligação e o espírito de equipa gerado, permitindo deste modo, a apresentação de um conjunto de propostas que revelaram a sabedoria de quem executou e aplicou as técnicas e sua capacidade de acolher novas ideias e pô-las em prática.



Não foram só nós de renda que foram entrelaçados, foram técnicas, conhecimentos, experiências, novo e velho, sendo tudo isto possível com mestria de “mãos quentes” e grande amizade. Obrigada.

Sara Noll
Workshop do Faial

A relação Artesanato/*Design* é, metaforicamente, a relação pai e filho, não só pela afinidade histórica e cultural que existe entre as duas áreas, mas também no que diz respeito à posição que estas ocupam no nosso quotidiano, sobretudo se olharmos para o Artesanato como o pai fraco e abatido e o *Design* como o jovem filho, mais forte, promissor e melhor preparado para o futuro. Sem qualquer tipo de sobreposição por parte do *Design*, parece-me importante percebermos que para que o Artesanato se mantenha vivo, terá que se ajustar às novas realidades. Ora, é precisamente aqui que o *designer* pode dar o seu contributo, tentando apreender a técnica, analisá-la, repensar e inovar as condições de trabalho e sobretudo apropriar essas técnicas (na maior parte dos casos centenária) a novas aplicações mais próximas dos novos públicos, mas nunca numa vertente industrializada ou meramente consumista, em detrimento da qualidade e da perícia do trabalho do artesão. O *workshop* Magna Mater foi importante, essencialmente, pelo cruzamento de gerações, culturas e conhecimentos.

Maurício Mendes
Workshop do Faial

Tudo se pode resumir numa linha. Numa agulha que borda no linho e desenha as gentes desta terra e o seu caminho pela vida. O artesanato das mãos incansáveis, das técnicas ancestrais, cultivadas ao longo de gerações. E do calor humano, da quente hospitalidade, dos sorrisos simples e afáveis. Tudo se inscreve no linho. Também a paisagem: um mundo de água e um verde profundo. É esta a visão que moldou todo um povo. Que permanece intimamente ligado, unido por um carinho comum por este seu berço, unido pelas suas tradições. Como as linhas, fortes, que marcam a brancura do pano.

Pedro Moreira
Workshop de São Miguel

Um *workshop* pressupõe o debate e troca de ideias, conhecimentos e experiências.

A quantidade de propostas apresentadas são resultado do entusiasmo demonstrado por todos quantos participaram no projecto do grupo da ilha de S. Miguel.

O pouco tempo necessário para o amadurecimento de ideias e das fases necessárias para melhoramento das propostas está patente nos projectos desenvolvidos, sendo que quase todos foram fruto de debates, limitações (que muitas vezes funcionam como factor criativo), oportunidades e experimentação.

A sabedoria de quem executa e aplica as técnicas foi fundamental para este processo mútuo de aprendizagem, e a abertura para receber novas ideias e pô-las em prática tornou possível a apresentação de todas estas propostas.

Resta agradecer a todos os que tornaram este projecto possível, o convívio proporcionado, a troca de saberes e o deleite de estar numa ilha abençoada pela natureza.

Teresa Franqueira
Workshop de São Miguel

continua >>

A apresentação destas propostas foi efectuada na sessão pública de encerramento do projecto, que decorreu na Horta – ilha do Faial, culminando assim duas semanas de trabalho de artesãos e *designers*, em que estiveram presentes todos os participantes. Este foi o momento de apresentação dos trabalhos e reflexões que decorreram durante os *workshops*, designadamente sobre a importância de aproximação do artesanato à comunidade, pela adaptação das peças aos novos mercados.

Perante uma plateia de aproximadamente 60 pessoas, foram partilhados os resultados físicos do projecto, através da exposição das 32 peças que resultaram da combinação da formação de *design* dos participantes da Universidade de Aveiro e das artesãs que colaboraram na criação e manufacturação dos novos objectos.

Foi possível confirmar a inovação das peças de cerâmica e bordado matiz de São Miguel e tecelagem, rendas e bordado a palha no Faial, resultado de novas funcionalidades de antigos riscos, novos desenhos ou novas técnicas, certamente geradoras de maior diversidade e versatilidade na oferta artesanal de todos os que colaboraram no projecto.

Projecto pioneiro a nível do país, a relação designer/artesão estabelecida foi de tal forma proficua que se espera a sua transferibilidade para outros materiais e regiões, sendo certa a divulgação dos trabalhos criados através de exposições futuras na Região e no Continente.

ADELIAÇOR
ASDEPR

<< continuação



ADELIAÇOR



ASDEPR

O artesanato, ou arte popular, faz parte integrante da cultura que caracteriza e define um povo, transmitindo - se de geração em geração. Arte resultante de um processo espontâneo de criação dos artesãos, que diante das mudanças no ambiente em que vivem , procuram exteriorizar as suas impressões pessoais, através de uma visão singular porém compatível com o repertório estético e cultural do seu contexto social.

Mas, apesar de o artesanato identificar e utilizar a força expressiva de muitos elementos do quotidiano característicos de um povo, de tão vistos que são, ninguém mais os enxerga e de tão tocados ninguém mais os sente.

Sabemos pois que, por trás de cada produto existe uma razão, às vezes aparente, às vezes oculta, cuja revelação pode mudar inclusive a forma como nos vemos a nós mesmos.

A função do *workshop* Magna Mater foi aliar duas importantes áreas. O artesanato (com toda a sabedoria técnica e cultural que só os artesãos nos podem transmitir) e o *design* (como solucionador de problemas tendo como objectivo principal da sua intervenção compatibilizar os interesses e necessidades daqueles que produzem com aqueles que consomem).

Toda a experiência adquirida através da troca de saberes entre nós designers e as fantásticas artesãs que nos acompanharam ao longo das duas semanas, foi tão gratificante como positiva. Resultaram assim novos produtos, baseados na arte do passado mas pensados para o presente. O objectivo foi refuncionalizar, sem desfuncionalizar, nem descontextualizar.

Conseguimos ajudar a revelar a riqueza criativa e ingénua dos artesãos, cujo olhar pouco contaminado por modismos pode - nos também oferecer ideias novas, despojadas de vícios e referências exógenas.

Já dizia Tolstoi : "...Para ser universal aprenda primeiro a pintar a sua aldeia".

Eu aprendi, e com tudo isto só posso dizer que cresci. Todos crescemos, e aprendemos mais ainda do que aquilo que pensávamos que poderíamos aprender.

Somente o conhecimento recíproco gera uma atitude de respeito para com os outros e de compreensão da singularidade de cada um. E, deste respeito surge uma dimensão maior para com a construção de toda a nossa identidade.

Espero que este *workshop* tenha sido então, o primeiro grande passo do início desta caminhada, que só desejo que seja longa.

Só me resta agradecer a quem nos possibilitou esta experiência tão grande a todos os níveis.

Margarida Kol de Carvalho
Workshop de São Miguel

Semanas Animadas na Loja do Mundo Rural

A Loja do Mundo Rural em colaboração com o Instituto de Desenvolvimento Rural e Hidráulica (IDRHa) tem vindo a realizar as Semanas Animadas no Espaço LEADER+. Estas animações que tiveram início em Outubro de 2003 e que têm duração até Junho de 2004, consistem na criação de um conjunto de animações calendarizadas e temáticas, criando hábitos de animação no espaço urbano, com temas que são cativantes para a população e que actuam transversalmente na divulgação da nossa cultura e dos nossos territórios. Acções pontuais, criando um ciclo de animações, ciclo esse que estará interligado com o quotidiano do mundo rural. As festas, momento de ruptura com a normalidade dos dias, têm uma relação directa com as estações do ano e portanto com o trabalho agrícola. Quase todas elas apresentando aspectos religiosos e profanos, associadas a manjares próprios, danças, músicas, entre outros, numa multiplicidade de características locais. Ao longo de cada estação do ano escolheram-se algumas das mais importantes fainas agrícolas e das festas de maior importância, para através delas destacar e promover os produtos, a cultura e o turismo.

Iniciámos o Inverno com o *Entrudo Chocarreiro*, com a participação dos Caretos de Podence que deram cor a Campo de Ourique chocalhando quem na rua passava e convidando aos manjares da carne.

Pão nosso, Pão do Norte, do Sul e do Centro, centeio, milho ou trigo são alguns dos pães que estiveram presentes na Loja do Mundo Rural para aliciar quem por lá passou a provar este nosso pão. As padeiras do Sardoal e de Mértola, e os alunos das escolas foram os animadores desta semana, ensinado as tenduras do pão e lançando farinha pelo ar.

Com o galo a cantar, seis empresas de turismo de aventura estiveram entre os lisboetas fazendo outras propostas de turismo em espaço rural. A Loja do Mundo Rural desafiou os cidadãos a trocar as pantufas por umas botas de campo. Com o galo a cantar, assim se designou a semana dedicada ao turismo rural e de aventura, deu a conhecer um outro Portugal.

Templar, Trote-Gerês, Corte gafo, MK Tagus e Café Peter são algumas das empresas que participaram nesta "Semana do Turismo" e que estiveram na Loja do Mundo Rural para aliciar quem por lá passou com as suas propostas de canoagem, equitação, mergulho ou simples caminhadas em espaço rural.

Que segredos seculares escondem as sábias mãos que juntando o leite, o cardo e o sal conseguem obter a suave cremosidade de um queijo da Serra, de Serpa ou de Azeitão? E o que dizer do sabor dos queijos de cabra transmontanos e algarvios? E dos atabafados do Alentejo? Pois bem, na Loja do Mundo Rural na semana dos *Queijos mil* foi possível provar estes e outros exemplares da arte da queijaria, dando-se a conhecer os

produtos tradicionais portugueses de alta qualidade bem como projectos de pequenos produtores nacionais. Queijos de pasta semi-mole ou amanteigados, como os de Azeitão, Serpa e da Serra; ou de pasta semi-dura, como o queijo de Évora e o de cabra Transmontano; e queijos mistos, como o Rabaçal e o Terrincho de Trás-os-Montes, são alguns dos petiscos que estiveram à prova.

Contámos com a colaboração de vários produtores que apresentaram os seus queijos e realizaram diferentes acções de promoção, nas quais destacamos os produtores do Queijo Matias (DOP) da Serra da Estrela, Queijaria Victor Fernandes (DOP) de Azeitão, Queijaria Custódia Matos (DOP) de Mértola.

Há petisco melhor do que o bom e verdadeiro fumeiro à portuguesa? Foi o convite para uma visita à Loja do Mundo Rural, na semana entre 16 e 23 de Abril. Ninguém fica indiferente ao delicioso aroma dos nossos enchidos. É como um vago vestígio das noites de Inverno, onde o cheiro da lenha queimada e da cura das carnes tudo inunda e perfuma. É uma provocação que faz crescer água na boca e logo convida ao naco de bom pão e ao trago de bom vinho. Pois bem, chouriços, paios, painhos, linguiças e outros que tais não faltam para os acompanhar na Loja do Mundo Rural.

Arco do Baulhe, com os filhos da Tia São, presentearam-nos com alheiras assadas, Júlio Flor de Abrantes com as Morcelas de arroz e muitas outras iguarias.

A semelhança de antigos rituais de celebração da Primavera, a Loja do Mundo Rural inaugura o mês de Maio com flores, bombos e boa comida. A convite da Loja do Mundo Rural, Zé Pereiras, bombos e gigantes vão animar as ruas de Campo de Ourique no 1º de Maio. O encontro é às 11h00, junto ao número 216 da rua Saraiva de Carvalho, especialmente florida para a ocasião. Às 14h00, o grupo de foliões vai até ao Chiado. Seguem-se os *Doces e compotas* de 8 a 14 de Maio, as *Ervas de cheiro* de 22 a 28 de Maio, *Doce mel* e 4 a 12 de Junho e a *Festa do Bodo* com as adufeiras de Idanha de 18 a 26 de Junho.

O sucesso desta semanas é feito por quem nos visita mas também por quem as divulga. As reportagens da Sic Mulher (Vícios e Virtudes de Luísa Castelo-Branco), Sic Notícias (jornal da Manhã), Rádio Renascença (Sociedade do Conhecimento de Luís Osório e Daniel Sampaio), bem como as notas dos jornais *Público* e *Expresso*, contribuíram de uma forma decisiva para dar a conhecer a Loja do Mundo Rural, o projecto LEADER+, as nossas gentes e culturas.

Neste espaço, a tradição é revivida através da realização de exposições e do contacto com artesãos e pequenos produtores, que com enorme gosto e simpatia nos guiam pelas suas artes, mantendo assim viva a nossa cultura popular.

Porque o melhor de Portugal está na loja do Mundo Rural, venha visitar-nos nas semanas animadas no espaço LEADER+.

ProRegiões



Pessoas e Lugares apresenta-se em Bragança

É reconhecida a incapacidade de fazer chegar o jornal *Pessoas e Lugares* ao grande público. Conhecido sobretudo junto das entidades que compõem as parcerias locais e das instituições ligadas à intervenção no mundo rural, é patente a dificuldade de o fazer chegar ao grande público e, sobretudo, ao público urbano. A reestruturação do sistema de distribuição do jornal é um dos aspectos mais urgentes a ter em linha de conta e que começa já a dar os primeiros passos. Uma nova proposta de divulgação está agora a ser ensaiada, tendo Bragança e a Corane protagonizado a primeira acção.

Dentro da actual orientação do jornal *Pessoas e Lugares*, o tema da rubrica "Em Destaque", bem como um conjunto de outras rubricas, passou a ser trabalhado em articulação com o território abordado em cada número. Faz todo o sentido, pois, que cada número do jornal possa ser aproveitado para protagonizar uma acção de animação que aproveite, simultaneamente, à sua divulgação como órgão de difusão dos valores do mundo rural, à reflexão sobre o tema abordado em cada número e à abordagem da intervenção da respectiva associação.

A Corane - Associação de Desenvolvimento dos Concelhos da Raia Nordeste foi a primeira associação a corresponder a esta nova solicitação da Rede, ao promover em Bragança, no passado dia 14 de Abril, um seminário dedicado ao tema "Recuperação do património e valorização da paisagem rural".

No auditório Paulo Quintela, mais de meia centena de pessoas juntaram-se para escutar um painel de intervenções protagonizadas por um conjunto de individualidades ligadas ao tema. A sessão, aberta pelo Vice-presidente da Corane e presidente da Câmara Municipal de Vinhais, contou com a presença, entre outras individualidades, do Governador Civil do Distrito e do Chefe de Projecto do Programa LEADER que moderou as intervenções e o debate subsequente.

A intervenção da Corane na recuperação do património rural foi apresentada pelo seu coordenador, Francisco Leonel Vaz, seguindo-se uma intervenção a cargo de Lídia Madureira, docente da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), que reforçou as ideias-chave sobre a paisagem focadas na entrevista do Arquitecto Gonçalo Ribeiro Telles ao *Pessoas e Lugares* no seu número 16: a paisagem é uma construção humana, representa a forma como organizamos o território e não pode ser tratada como um produto independente do resto da sociedade. A responsabilidade de todos na preservação e construção da paisagem e a necessidade de sabermos o que queremos para o país foram notas evidenciadas na sua intervenção.

Robert Manners de Moura, arquitecto, docente da UTAD e que ostenta no seu *curriculum* o facto de ter estado na fundação do Parque Natural de Montesinho e de ter sido director do Parque Natural do Alvão, abordou o tema da valorização da paisagem rural chamando a atenção para o facto de a capacidade de reacção às alterações da paisagem ser um indicador de desenvolvimento e para o facto de só podermos fixar as populações em termos de qualidade de vida com uma adequada gestão dos recursos particulares, dos recursos colectivos e dos recursos ambientais. Rui Losa, arquitecto, da Comissão de Coordenação da Região do Norte (CCRN) referiu a necessidade de promover uma salvaguarda activa – agir sobre os bens e manter a actividade é essencial na salvaguarda da paisagem. Por outro lado, valorizar a auto-estima das populações é absolutamente essencial. Já Ricardo Magalhães, engenheiro, também da CCRN do Norte, reforçou a nota da necessidade de usar o património para o conservar e pôs a tónica na necessidade de criar emprego como directiva de todas as políticas de desenvolvimento. A nova geração dos PDM, agora em implementação, foi apontada como uma oportunidade única para o ordenamento dos espaços rurais, tratados agora como um recurso.

Interveio ainda José Castro, professor do Instituto Politécnico de Bragança, referindo a paisagem como uma unidade de planeamento e chamando à atenção para o "contexto local das aldeias", o património mais ameaçado na Terra Fria Transmontana. A valorização da tradição familiar na manutenção da agricultura e a influência da reforma da PAC na paisagem rural foram apontamentos que mereceriam uma reflexão muito mais aprofundada.

A finalizar as intervenções, Armando Redentor, do Parque Natural de Montesinho, referiu a necessidade de sensibilizar, caracterizar e explicar, combatendo o isolamento cultural das populações. A problemática das áreas protegidas foi igualmente abordada, deixando-se bem claro que "o papel das áreas protegidas é a promoção do desenvolvimento das populações".

O tempo para debate foi escasso. O público, onde pontificavam muitos presidentes de Junta de Freguesia da região, introduziu várias questões, muitas delas ligadas a situações práticas de conservação do património local. O programa LEADER foi referenciado como um bom exemplo de intervenção por muitos dos participantes, lamentando-se a limitada capacidade financeira para colmatar as necessidades da região.

O jornal *Pessoas e Lugares* foi igualmente referido como um bom exemplo de divulgação dos valores do mundo rural e elogiado por esta nova iniciativa.

A qualidade da iniciativa imprimida pela Corane deixa enormes expectativas para as próximas acções de divulgação a serem levadas a cabo nos restantes territórios LEADER.

Francisco Botelho



Francisco Botelho

III CNA do LEADER+

Beja, 24 de Março de 2004

As “Cartas de uma Freira Portuguesa” de Soror Mariana do Alcoforado não estiveram presentes. Mas foi lá, em Beja, que os amores da freira portuguesa por um jovem oficial francês, nos começos do século XVII, produziram esse belo exemplar da literatura, amplamente conhecido em toda a Europa. E foi o ambiente conventual do antigo convento de S. Francisco, que remonta ao século XIII e que hoje está transformado numa das mais belas Pousadas de Portugal que decorreu a III Comissão Nacional de Acompanhamento do Programa LEADER+. O espaço imponente da antiga Igreja foi preparado para receber os cerca de 150 participantes que, em representação do organismo gestor, da Comissão Europeia e dos 52 Grupos de Acção Local portugueses, discutiram uma intensa agenda de trabalho.

Aproveitando a realização da OVIBEJA, um dos mais importantes certames agrícolas nacionais, e onde, mercê da iniciativa das Associações de Desenvolvimento Local (ADL) do Alentejo, o desenvolvimento rural vem sendo exposto e reflectido perante um público cada vez mais alargado, esta reunião da Comissão Nacional de Acompanhamento marcou significativamente a execução do Programa em Portugal, não só pelo ponto de situação que permitiu como pela definição de algumas linhas essenciais para a sua continuidade.

A sessão foi aberta pelo Gestor do Programa e Presidente do Instituto de Desenvolvimento Rural e Hidráulica (IDRHa), Carlos Mattamouros Resende, que moderou os trabalhos. Foi apresentado o ponto de situação do PIC LEADER+, cuja execução até final de Janeiro de 2004 aponta para um investimento total de 70 917.161 €, distribuídos entre os quatro vectores do Programa. A avaliação intercalar recentemente efectuada foi apresentada pelo coordenador da equipa responsável pela sua realização, com comentários do representante da Comissão Europeia, a que se seguiu um participado debate por parte de alguns dos presentes.

O Plano de Actividades do Vector 3 previsto para 2004 foi apresentado seguidamente, dando sequência ao trabalho desenvolvido no I Encontro Nacional da Rede LEADER+. Como elementos estruturais foram apontados o trabalho em rede, a visibilidade dos territórios e dos produtos, a formação e a qualificação, a assistência técnica, a cooperação e organização conjunta, a promoção do trabalho dos Grupos de Acção Local (GAL) e a validação da abordagem LEADER. As acções a desenvolver serão estruturadas em três eixos, “Informação/Reflexão”, “Assistência e Qualificação” e “Promoção e Divulgação”.

Após um agradável *coffee-break* nos jardins da Pousada, os trabalhos foram reabertos pelo Secretário de Estado do Desenvolvimento Rural, Bianchi de Aguiar, com uma intervenção em que teve oportunidade de equacionar as reflexões que se produzem, a nível nacional e europeu, sobre os apoios para a agricultura e o desenvolvimento rural na sequência do presente Quadro Comunitário de Apoio. Uma certeza, a do reconhecimento do trabalho desenvolvido pelas ADL, uma esperança, a da continuidade do apoio ao seu trabalho, eventualmente com disponibilidades financeiras reforçadas.

Foi referenciado o Pedido de Alteração ao PIC LEADER+ formulado em Janeiro e divulgado pelo representante da Comissão Europeia que o mesmo, após análise, seria em breve assinado pelo Comissário Europeu. A importância e a operacionalização das Comissões Regionais de Acompanhamento foram igualmente abordadas, bem como a reestruturação orgânica da gestão que, sob a coordenação geral do respectivo gestor incluirá uma Equipe de Apoio Técnico, vocacionada para o acompanhamento do Programa, uma Equipe de Controlo de 1º Nível, a constituir em breve, enquanto a certificação e pagamento das intervenções ficará a cargo da DSGA do IDRHa.

O ponto porventura mais esperado pelos GAL presentes era a disponibilização da Reserva de Eficiência prevista no Plano Nacional, bem como os critérios definidos para a sua aplicação. Pela gestão foi decidido que o montante a distribuir nesta fase corresponderia a 66% do total da Reserva de Eficiência ou seja, uma importância de 7 621.875 €. Foram ainda divulgados os critérios de acesso à Reserva de Eficiência, bem como os critérios de hierarquização, cuidadosamente explicados pelo Chefe de Projecto, Rui Batista, tendo sido deixado muito claro pelo próprio gestor que “a

atribuição da reserva de eficiência é um acto de gestão”. Apesar do incentivo para que a questão fosse discutida tendo em linha de conta a abordagem geral que levou à definição dos critérios apresentados, as numerosas intervenções dos presentes debruçaram-se sobretudo sobre as respectivas fórmulas, com notas de discordância por parte dos GAL e da Federação Minha Terra, de não terem tido oportunidade de participar na reflexão que levou à sua definição.

Após o almoço conjunto, houve ainda oportunidade de efectuar uma visita à OVIBEJA e ao espaço do desenvolvimento rural ali montado pelas ADL do Alentejo onde, a meio da tarde, foi servido um lanche com os saborosíssimos produtos locais da região. Um lanche em que os dirigentes e técnicos presentes se diluíram entre o numeroso público da feira que não quis perder a oportunidade única de partilhar os melhores sabores de Portugal.

Francisco Botelho



Francisco Botelho

Inauguração da Rota das Fontes



Mais de 200 pessoas participaram, no primeiro fim-de-semana de Abril, na inauguração da Rota das Fontes, um percurso pedestre com cerca de nove quilómetros que une a urbe e a montanha.

Foi um dia de festa para os que quiseram juntar-se a esta iniciativa. A festa começou logo em Cantar Galo, onde se encontra o painel informativo do percurso e onde ocorreu a concentração. Os participantes eram re-

cebidos por um grupo de gigantones que distribuíam os folhetos da Rota das Fontes. Os Bombos do Centro de Dia de Cantar Galo acompanharam o extenso grupo até à entrada na Serra imprimindo o ritmo à caminhada que se dirigia para a Rosa Negra. Aí, um técnico do Parque Natural da Serra da Estrela esperava os grupos de pessoas que iam chegando e aproveitava a oportunidade para dar informações e tirar dúvidas sobre a fauna e flora da Estrela procurando sensibilizá-las para a sua preservação.

Mais adiante era o repouso e o retempero merecidos. No Parque de Campismo do Pião estava pronto o almoço. O convívio foi espontâneo, havendo lugar para o desporto, as histórias dos mais velhos e as brincadeiras dos mais novos. O regresso a Cantar Galo esteve ainda mais animado, as conversas intensificaram-se e o ritmo acelerou. Chegados ao Centro de Cultura e Desporto do Bairro de S. Vicente de Paulo, uma exposição de fotografias sobre a Serra recordava os mais distraídos das paisagens percorridas. A entrega dos diplomas de participação encerrou o dia que segundo a opinião geral foi muito bem passado.

A Rota das Fontes é uma iniciativa da Associação Beira Serra, tendo cabido o estudo e a marcação do percurso à Secção de Montanha do Clube de Campismo e Caravanismo da Covilhã.

A partir de agora a Serra da Estrela conta com este percurso, registado e homologado pela Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal constituindo um contributo para a valorização dos recursos naturais da região e um motivo de orgulho para a freguesia de Cantar Galo.

Classificada como um percurso de pequena rota, circular, marcado nos dois sentidos, a Rota das Fontes é acessível a qualquer caminheiro que pode assim partir à descoberta da Serra, numa aventura inesquecível.

BEIRA SERRA

Passeios da Primavera 2004

A Marca - Associação de Desenvolvimento Local de Montemor-o-Novo organiza todas as Primaveras um conjunto de passeios temáticos. A edição deste ano, a 6ª, subordinada ao tema "À descoberta de paisagens e lugares além Tejo", integra seis percursos temáticos: "Plantas Medicinais e Aromáticas" com o Mestre José Salgueiro (24 de Abril); "Observando a Flora e Interpretando Vestígios da Fauna" com o zoólogo António Mira e a botânica Paula Simões (8 de Maio); "Conventos rurais. espiritualidade e marcação simbólica da paisagem" com a arquitecta paisagista Aurora

Carapinha (22 de Maio); "Pelas margens do Rio entre a história e a cultura popular" com o historiador Rui Ferreira e o Sr. Lagarto (5 de Junho); "Bruxas, mouros e tesouros" - Contos da tradição oral portuguesa com a contadora Elisa Hofmann (19 de Junho); e "Astros e pedras na pré-história", numa noite de lua cheia nos Almendres com o arqueólogo Manuel Calado e o Arquitecto Pedro Alvim (3 de Julho).

Os passeios têm uma duração média de seis horas incluindo paragem para almoço. As participações são limitadas.

MARCA-ADL

2ª edição dos Passeios pela Serra d'Ossa

Organizada pelo Monte - Desenvolvimento Alentejo Central, ACE e pelo CEIA - Centro de Educação Ambiental da Serra d'Ossa da ADMC - Associação de Desenvolvimento local Montes Claros, a edição deste ano dos passeios pela Serra d'Ossa, contempla quatro percursos: "Pela Herdade do Hotel Convento de São Paulo" (13 de Março), "Na Rota das Ermidas de Évora Monte" (17 de Abril), "Nos caminhos do Endovélico" (1 de Maio) e "Percurso da Fonte Ferrenha" (22 de Maio).

As inscrições estão abertas até uma semana antes da realização de cada circuito e a duração média por percurso é de seis horas. No espaço de tempo em que termina o percurso e o início do jantar, para todos os interessados existe a possibilidade de visitar uma queijaria e uma adega na região.

MONTE

Trilhos no Sudoeste

Resultado de um protocolo estabelecido entre a Associação Vicentina e o Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina (PNSACV), em Agosto de 2002, "Trilhos no Sudoeste" consiste numa rede de 12 percursos pedestres que pretende explorar as características de elevada qualidade ambiental, paisagística e do Património histórico-cultural existentes no PNSACV (Fortes, Castelos, Miradouros, Igrejas, Flora e Fauna Endémica, Lagoas, Arribas, Pinhais e Dunas).

Numa fase seguinte pretende-se que estes percursos venham a ser implementados no terreno de acordo com as normas da FCMP - Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal, na qual a Vicentina é filiada.

O trabalho no terreno passou pelo levantamento da situação presente e dos traçados possíveis, a avaliação das características físicas e do seu

valor pedagógico e lúdico e a elaboração de percursos.

Conscientes de que o desenvolvimento local (objectivo estatutário da Vicentina) e destes territórios em particular passa também pela criação e promoção de uma oferta estruturada que contemple actividades de Animação Ambiental, mantemos todos os envolvidos na concretização deste projecto uma elevada expectativa.

Nuno Pereira
Vicentina





Information Society and Sustainable Rural Development, Thematic Guide Two, Euracademy Thematic Guide Series
Nikos Varelidis / EUROACADEMY, PRISMA – Center for Development Studies, 2003

Co-financiado pela Comissão Europeia, DG Educação e Cultura, Programa Leonardo da Vinci.

Esta publicação nasce no quadro de um projecto europeu EURACADEMY, que tem como objectivo central: a promoção da capacitação na áreas rurais, através da implementação de Academias de Verão, e-learning e publicação de Guias Temáticos, complementado por um intenso trabalho em rede entre indivíduos e organizações preocupados com o desenvolvimento rural sustentável.

O Guia Temático sobre a Sociedade de Informação e o Desenvolvimento Rural Sustentável funciona como uma provocação e não como uma recolha de textos. Também não adianta verdades definitivas sobre os temas. Trata-se mais de uma colecção de ideias e exemplos com um denominador comum, que servem para apoiar e estimular a reflexão em torno da Sociedade de Informação e da sua ligação com o Desenvolvimento Rural Sustentável. As interrogações de partida são as seguintes: O que é a Sociedade de Informação? Como é que pode contribuir para o bem estar do mundo rural e das suas populações? Como é que pode apoiar os trabalhadores do serviço público? Como é que pode beneficiar o cidadão comum? O que é que se espera dos fornecedores de tecnologias da informação e comunicação? Como é que se pode planear, gerir e facilitar a participação do mundo rural na Sociedade de Informação?



Artesanato - Tradição versus Inovação. Contributos para o Tapete de Arraiolos

Actas do Seminário "Artesanato - Tradição versus Inovação. Contributos para o Tapete de Arraiolos", 2001

Edição MONTE – Associação para o Desenvolvimento do Alentejo Central, ACE, com o apoio do Instituto de Emprego e Formação Profissional / Programa Iniciativa Piloto de Promoção Local de Emprego no Alentejo e da Câmara Municipal de Arraiolos.

"É o artesanato rural que nos preocupa." Palavras de Francisco Martins Ramos, Professor da Universidade de Évora. Palavras dignas. Palavras desasosssegadas de um dos oradores do Seminário e um dos autores desta publicação, movido por uma preocupação comum ao mundo rural português, de preservar artes, tradições e história feita de pessoas e desenvolvimento. O Seminário em questão dedicou-se mais particularmente a analisar a arte dos Tapetes de Arraiolos, uma arte rica e tradicional, com um inegável potencial inovador. Trata-se aqui de divulgar as reflexões sobre a problemática da introdução de inovações em produtos e saberes tradicionais efectuados no âmbito do Seminário acima referido. Através do prisma da problemática central, Tradição versus Inovação, abordam-se várias questões ligadas aos Tapetes de Arraiolos, nomeadamente, A Conjuntura Actual do Artesanato; O Campo do Bordar; A questão das matérias primas; O papel da Formação Profissional e A questão do "design". Na confluência da temática Tradição versus Inovação, encontra-se um desafio para o futuro, sem esquecer o passado, ou seja, há que apostar na vanguarda de um produto de artesanato, com identidade própria.

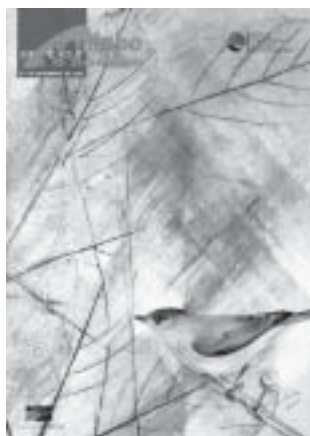


Mãos, Revista de Artes e Ofícios, Nº 22

Edição do Centro Regional de Artes Tradicionais; Administração CCDR-C, CEARTE, CRAA, CRAT, PPART, 2003

Co-financiado pelo Ministério da Cultura.

Vamos à feira! É o mote deste número da Revista Mãos. "A Feira, quer se goste quer não (e nós gostamos!) constitui um elemento central no sector das artes e ofícios.", segundo Ana Pires. Dito isto, resta reflectir sobre os problemas que surgem a jusante e a montante do espaço e do momento feirenses. Assim, descobriremos página à página uma perspectiva plural dos vários modelos de artesanato em Espanha, pela voz de um dos dirigentes históricos do movimento associativo de artesãos naquele país, por Manuel González Arias; os problemas e as potencialidades da participação em certames no estrangeiro, nomeadamente, os casos de Lanzarote e Santiago de Compostela, segundo a análise de Miguel Oliveira; uma reflexão sobre as questões relativas às unidades produtivas artesanais; uma apresentação do Centro Regional de Artesania de Castilla y León; exemplos de feiras de Vila do Conde, Cantanhede, Crato e Açores e, finalmente, na página 22 do número 22 da Mãos vem um artigo de Ana Pires sobre projectos em curso na Vila de Almaguês (distrito de Coimbra).



O Minho, a Terra e o Homem, Nº 49 - Dezembro de 2003

Direcção Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho, 2003

Este número de O Minho, a Terra e o Homem, publicação da DRAEDM tem por tema central Os Planos Regionais de Ordenamento Florestal (PROF), instrumentos essenciais para a implementação da estratégia de desenvolvimento agrícola da Região do Entre Douro e Minho. Assim, é feito um enquadramento geral dos PROF, são apresentadas as quatro regiões PROF do Entre Douro e Minho, os objectivos e as regras de gestão dos Planos. Para além dos PROF, destaca-se também um artigo sobre "Indicadores Etológicos do Bem Estar do Cavalo em Diferentes Condições de Estabulação". A revista insere ainda um suplemento de trinta páginas sobre os "25 anos dos Avisos Agrícolas no Entre Douro e Minho".



<http://redrural.mapya.es>

A Célula de Promoção e Animação do Desenvolvimento Rural de Espanha reúne aqui informação (mapas, projecto, práticas) sobre o LEADER+ e PRODER 2. Integra uma agenda, que pode ser consultada, em função da data ou indicadores temáticos. Refira-se o espaço para a cooperação transnacional no quadro do LEADER+, que serve para cruzar necessidades e oportunidades de parceria. O site inclui um espaço para a colocação e consulta de anúncios de relevo no domínio do desenvolvimento rural. Outros apoios e iniciativas comunitárias não são descorados. Além disso, o internauta tem acesso a conclusões relativas à submissão de processos ao Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação, no que concerne à gestão e elegibilidade de projectos.



www.portaldocidadao.pt

Portal do Cidadão, um acesso interactivo à informação e serviços públicos para ultrapassar a burocracia. No Cidadão navega-se a partir das Situações de Vida (Encontrar Emprego; Mudar de Casa; etc.) ou de acordo com áreas (Ambiente, Ordenamento do Território e Mundo Rural; Turismo, Desporto e Lazer; etc.). Destacam-se serviços on-line, como o Simulador de Pensões, Consulta à Base de Dados de Ofertas de Formação, etc. Em Empresas entra-se pela Criação de Empresa (Apoios e Incentivos; Indicadores e Estatísticas, etc.), Vida de Empresa (Inovação, Investigação e Desenvolvimento; Qualidade e Certificação, etc.) e Suspensão e Cessação. On-line: serviços como o Pedido para Registo de Marca e Patentes, Candidatura ao SIME Inovação, etc.



www.datradicaosefezdoce.com

"Da Tradição se fez Doce" nasceu em Trás-os-Montes, em Setembro de 2001, e recebeu, recentemente, o Prémio "Century International Quality Era Award" na Categoria Ouro. A Conceição, a Claudina, a Fátima, a Eulália e a Herminia, provenientes de Grupos socialmente desfavorecidos, são as abelhas desta empresa de inserção, promovida pela ADIMAC (Associação para o Desenvolvimento Integrado de Macedo de Cavaleiros). On-line o amante de tradição e qualidade poderá encomendar onze variedades de compotas e três variedades de doces tradicionais.

Quinta dos Trevos

Tradição e inovação de mãos dadas

Maria Celsa Herrero e João Ludgero transformaram uma quinta com seis hectares, em plena campina de Idanha-a-Nova, no Centro Rural de Artes e Ofícios Tradicionais. Um lugar onde o linho, o ferro e a madeira se transformam em peças únicas, aliando as velhas técnicas às novas oportunidades.



João Limão / INDE



João Limão / INDE

Quando, há 12 anos, Maria Celsa Herrero e João Ludgero chegaram ao Ladoeiro, num belo dia de Primavera, com os campos a transbordar de cor, a certeza de terem encontrado o que procuravam foi quase imediata. "Ficámos apaixonados", recordam hoje, cada vez mais entusiasmados pelo projecto.

Em plena campina de Idanha-a-Nova, na rota que liga Castelo Branco a Oeste, a meia centena de quilómetros das Termas de Monfortinho, a Quinta dos Trevos correspondia na perfeição aquilo que o casal procurava. A opção de deixar a cidade e fazer uma vida no campo há muito invadira João e Celsa; ele natural de Abrantes, ela de Espanha mas há algum tempo a viverem em Azeitão, distrito de Setúbal.

Na Quinta dos Trevos, a construção da casa de habitação foi, naturalmente, uma prioridade mas a verdade é que a ideia de fazer ali um conjunto de oficinas artesanais já era um projecto intensamente desejado. Artesãos por vocação e opção, Celsa e João começam a ver este seu sonho ganhar formas mais definidas quando, algum tempo depois, surge o contacto da ADRACES - Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul. Apresentada a ideia à associação o apoio do Programa LEADER não tardou. Uma vez que o casal já tinha dado início à construção das oficinas (não obstante as dificuldades financeiras), o apoio do LEADER I veio "mesmo a calhar", incidindo especificamente na aquisição dos necessários equipamentos e maquinaria.

O Centro Rural de Artes e Ofícios Tradicionais da Quinta dos Trevos dá assim os seus primeiros passos com duas oficinas: tecelagem/fiação e madeira/restauro. Posteriormente, o casal volta a beneficiar do apoio daquele Programa (na sua segunda fase) na criação da oficina do ferro, na construção de um espaço para exposição e venda na execução de alguns melhoramentos exteriores na propriedade.

Graças ao apoio da ADRACES, Celsa e João começam a participar em alguns encontros e feiras, divulgando o seu trabalho um pouco por todo o lado. As encomendas não tardaram. Ao mesmo tempo que vão respondendo às encomendas, ambos vêm na formação profissional um complemento interessante, quer a nível estritamente profissional quer financeiro; o João na área do restauro, a Celsa exclusivamente na tecelagem, de forma mais permanente e regular.

velhas técnicas/novas oportunidades

Paralelamente e quase por acaso, uma outra actividade ganha corpo: a produção de velas. De cera de abelha ou parafina, mimosamente decoradas com flores do campo secas, inicialmente apenas complemento decorativo das outras peças nas feiras, as velas acabam por tornar-se uma vertente com algum significado, pensando Celsa e João neste momento transformar a actual oficina de ferro (a transferir para instalações maiores) numa oficina de velas. Ao mesmo tempo, a ideia é também consagrar algum espaço e tempo à produção artesanal de papel. Isto porque o sucesso alcançado com dois cursos de reciclagem e produção de papel seguindo métodos tradicionais, conduzido pela mentora do Moinho da Carvalha Gorda, Ana Martins, foi tal, que Celsa e João desde logo imaginaram a sua continuação, numa vertente essencialmente pedagógica, já que esta veio a revelar-se uma componente importante deste projecto.

Destinado aos mais pequenos, e não só, a realização destes cursos - quer na área do papel quer de outros ofícios tradicionais - é um dos objectivos a médio/longo prazo para a Quinta dos Trevos.

Para bem mais breve está prevista a construção de novas (e maiores) instalações da oficina do

ferro - aquela que assume neste momento maior expressão - e uma sala de exposição com medidas adequadas ao número crescente de peças produzidas na Quinta dos Trevos e de muitas outras, reunidas ao longo dos anos pelo casal, numa tentativa de refazer a "história" dos ofícios tradicionais.

Tendo começado lenta e timidamente, Celsa e João contam actualmente com a ajuda de três colaboradores: Nádía, Grixá e Victor. Os dois homens apoiam essencialmente o João no ferro e na madeira e Nádía concentra-se nos acabamentos.

Aliando as velhas técnicas às novas oportunidades, o casal tem vindo a apostar em peças que se destinam fundamentalmente aos trabalhos de restauro e recuperação de casas tradicionais (designadamente peças em ferro rústico, castiçais, dobradiças, aldrabas e fechaduras), no restauro de móveis antigos e construção de algum mobiliário, objectos utilitários e peças decorativas em madeira. Na oficina da tecelagem, Celsa dá largas à sua imaginação no tear (manual - construído pelo João) misturando matérias-primas convencionais (algodão, linho, lã) com outras mais inovadoras (pedrinhas de xisto, por exemplo). Não industrializar, mantendo a vertente artesanal, numa conjugação entre a tradição e a inovação é o que desejam Celsa e João. "Queremos ter uma oferta diferente... também não queremos enriquecer... Tudo o que vamos ganhando investimos aqui... Isto é afinal a materialização de um sonho".

Paula Matos dos Santos

Quinta dos Trevos
Centro Rural de Artes e Ofícios Tradicionais
Caixa Pessoal 502
6060 - 259 Ladoeiro (Idanha-a-Nova)
Telf.: 277 927 435

Ficha Técnica

Pessoas e Lugares

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+

II Série | N.º 18 | Abril 2004

Propriedade

INDE - Intercooperação e Desenvolvimento, CRL

Redacção

INDE
Av. Frei Miguel Contreiras, 54 - 3º
1700-213 Lisboa
Tel.: 21 8435870
Fax: 21 8435871
E-mail: pl@inde.pt

Mensário

Directora

Cristina Cavaco

Conselho Editorial

Carlos Mattamouros Resende/IDRHa, Cristina Cavaco/INDE, Francisco Botelho/INDE, Luís Chaves/Minha Terra, Maria do Rosário Serafim/IDRHa, Paula Matos dos Santos/INDE, Rui Veríssimo Batista/IDRHa

Redacção

Paula Matos dos Santos (Chefe de Redacção), Francisco Botelho, João Limão, Maria do Rosário Aranha

Colaboraram neste número

Adeliçor, ADRACES, ASDEPR, Beira Serra, Catarina Oliveira (MARCA-ADL), Cláudia Bandejas (Adrepes), Luís Rocha (CEARTE), MARCA-ADL, Maria do Rosário Serafim (IDRHa), MONTE, Nuno Pereira (Vicentina), ProRegiões, Rui Veríssimo Batista (IDRHa)

Paginação

Diogo Lencastre (INDE), Marta Gafanha (INDE)

Impressão

Diário do Minho
Rua de Santa Margarida, n.º 4
4710-306 Braga

Tiragem

6 000 exemplares

Depósito Legal

n.º 142 507/99

Registo ICS

n.º 123 607

